



O Coração
de Jesus,
um caminho
de vida

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS | JUNHO

Leituras em tempo
de recolhimento

EDITORIAL
A.O.



Revistas
MENSAGEIRO E CRUZADA
disponíveis gratuitamente
em formato digital



PORTES GRÁTIS
em toda a nossa livraria
online para entregas
em Portugal

IN'ESTANTES
RECOLHIDOS



Livraria com campanhas
e descontos até 30%

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

JUNHO 2020 // Ano CXLV, n.º 6

DIRETOR
António Valério, s.j.

ADMINISTRAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

CONTACTOS:
Revistas: 253 689 442
Livraria: 253 689 443
Horário de atendimento: 9h00-12h30 / 14h30-19h00
Email: revistas@snao.pt
Web: www.revistamensagem.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

DIREÇÃO DE ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA
Francisca Cardoso Girão

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar
4710-073 BRAGA
Contr. n.º 504 443 135

REDAÇÃO, EDIÇÃO E PROPRIEDADE
Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
Província Portuguesa da Companhia de Jesus
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86
ISSN 0874-4955
Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, n.º 1 a
Tiragem: 9.000 exemplares

ASSINATURA PARA 2020

ESTE ANO, O PAGAMENTO DA ASSINATURA
DA REVISTA MENSAGEIRO PODE SER FEITO
ATÉ 31 DE AGOSTO

Portugal
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos):	29,00€
Europa:	21,00€
	26,00 Fr. Suíços
Fora da Europa:	27,00€
	35,00 USD
	42,00 CAD
Preço por exemplar:	1,40€

Pagar por: **Transferência bancária:**
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP-Braga)

Vale CTT ou Cheque

FOTOGRAFIAS

Capa: © João Sarmiento s.j.; pág. 3: © Priscilla du Preez (unsplash.com); pág. 6: © Viktor Talashuk (unsplash.com); págs. 13-20: © Ilustrações de Francisca Cardoso Girão; págs. 24-25: © Emiliano Vittoriosi (unsplash.com); pág. 28: © Lusa/EPA/Yara Nardi/Pool; pág. 30:

ABERTURA

O mês de junho, na tradição da Igreja, é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. É neste mês que se fecha o Tempo Pascal, com várias celebrações que orientam os cristãos para a presença de Jesus no meio de nós, como Ressuscitado, de modo particular no sacramento da Eucaristia. É por isso que a Solenidade do Coração de Jesus se celebra logo após a Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, relacionando liturgicamente a Eucaristia com a devoção ao Coração de Cristo.

O mês de junho é, também, o mês que se situa a meio do ano. Este ano em especial, é o mês que, de alguma forma, marca um ponto de viragem num ano muito difícil e inesperado. Depois de tempos de medo, doença, recolhimento e afastamento, por causa da pandemia, depois de tempos em que as comunidades cristãs se viram privadas da celebração comunitária da Eucaristia, pouco

a pouco se vão retomando estas e outras atividades. Vamos todos procurando entrar, cuidadosamente, numa nova normalidade.

O mundo que agora estamos a encontrar é um mundo ferido, incerto, de alguma forma, desolado. Por isso, é um campo de missão urgente.

Será o tempo de fazer frutificar as graças que Deus, na sua Misericórdia, nos foi dando ao longo deste tempo, nos nossos corações e em nossas casas, que se tornaram verdadeiramente Igrejas Domésticas. Mais que nunca, a partilha da vida, dos bens, da alegria, do entusiasmo, do compromisso são os sinais necessários que o mundo espera de nós como cristãos. Estes frutos vamos buscá-los à Eucaristia, que é a fonte e o cume da nossa vida cristã e nos envia em missão para o mundo.

Que neste mês, e nos seguintes, possamos ser verdadeiros discípulos enviados por Jesus a um mundo



P. António Valério, s.j.

que necessita de se reerguer, que necessita dos sinais esperançosos e felizes da ressurreição.

SUMÁRIO

01 | **ABERTURA** | P. ANTÓNIO VALÉRIO, S.J.

02 | **INTENÇÃO DO PAPA** | ANTÓNIO VALÉRIO, S.J.
Viver no amor de Cristo

03 | **DESTAQUE** | ANTÓNIO VALÉRIO, S.J.
O Caminho do Coração

06 | **VER, JULGAR E AGIR** | M^ª MARTINHA SILVA
«Estive na prisão e fostes visitar-Me» (Mt 25, 36)

08 | **TRAÇOS DE DEUS** | P. WILFRID HARRINGTON, O.P.
O Deus de perdão

10 | **ESCRITO NO CORAÇÃO** | MIGUEL PEDRO MELO, S.J.
Beato Bernardo de Hoyos

12 | **LUGARES PARA REZAR** | TERESA DIAS COSTA
Sagrado Coração de Jesus

13 | **DOSSIER** | CARLOS CARVALHO, S.J.
Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro (2 Cor 4, 7)

21 | **OPINIÃO** | ROSÁRIO SALGUEIRO
A Vida

22 | **REUNIÃO DE GRUPO** | MIGUEL PEDRO MELO, S.J.
Oração comunitária

24 | **INTRODUÇÃO AOS PROFETAS** | JOSÉ MARÍA ABREGO, S.J.
Isaías (Introdução)

26 | **CUIDAR DA CASA COMUM** | RITA VEIGA
Deus uniu-Se à nossa terra

28 | **NOTÍCIAS** | ELISABETE CARVALHO

VIVER NO AMOR DE CRISTO

António Valério, s.j.

O mês de junho, tradicionalmente dedicado na Igreja à celebração do Coração de Jesus, motivou o Papa Francisco a colocar como sua intenção o *Caminho do Coração*. É uma intenção nova, a sua própria formulação parece um pouco abstrata, mas não é por acaso. Esta intenção constitui-se como um momento muito importante para o processo de recriação do Apostolado da Oração como Rede Mundial de Oração do Papa (RMOP). Durante este processo – que incluiu a aprovação dos novos Estatutos e a constituição da RMOP como Obra Pontifícia – foi feito, ao longo de dez anos, um trabalho, a nível global, para mostrar a identidade e missão desta Obra através de novas imagens e com uma nova linguagem. Um dos aspetos mais visíveis deste processo foi a criação de plataformas digitais que expressassem precisamente a experiência de uma comunidade mundial de oração e serviço, mobilizada pelos desafios que o Santo Padre coloca a cada mês: o *Click To Pray*; o *Vídeo do Papa*; o *Click To Pray eRosary*.

Há agora um passo a dar, não para fora, como expansão, mas para dentro, para o mais profundo, para o núcleo. Neste sentido, esta intenção inaugura, de alguma forma, uma nova etapa neste processo de recriação, que consiste na apresentação de um itinerário de oração e formação destinado a todos os que, das mais variadas formas, fazem parte desta Rede Mundial de Oração. Este itinerário é o «Caminho do Coração», que nos leva à experiência interior do amor de Jesus, simbolizado no seu Coração. Este aspeto era essencial na espiritualidade do Apostolado da Oração e assim continua a ser. A nota que agora distingue esta identificação com o Coração de Cristo é passar da esfera da devoção privada para uma efetiva e audaz missão para os outros, especialmente os mais pequenos e os que sofrem. O «Caminho do Coração» que todos, membros da RMOP, somos chamados a fazer, é um compromisso a sermos nós mesmos rostos de Cristo e transparência dos sentimentos do seu Coração, em particular para os que sofrem, para que estes encontrem os caminhos da Vida.

Rezemos para que aqueles que sofrem encontrem caminhos de vida, deixando-se tocar pelo Coração de Jesus.

Papa Francisco

PROPOSTAS PARA O MÊS

- Na própria comunidade, e de acordo com o pároco, dinamizar, na medida do que for possível, a celebração do Coração de Jesus, envolvendo todos os seus membros, seja durante o mês, na sua novena, Tríduo ou Solenidade.
- Procurar conhecer melhor o itinerário de formação «O Caminho do Coração» através do *site* e Redes Sociais da Rede Mundial de Oração do Papa e das suas várias plataformas digitais ou em papel, e encontrar formas de o fazer, individualmente ou em grupo.
- Assumir, ao longo do mês, um compromisso mais explícito e consciente de mostrar, com a própria vida, os sentimentos do Coração de Jesus, de modo especial para com os que mais sofrem.

“

A meta da vida cristã é realizar na própria vida a presença do imenso Amor de Deus e comunicá-lo aos outros.



O CAMINHO DO CORAÇÃO

António Valério, s.j.



recortar > guardar > rezar

O Apostolado da Oração (agora Rede Mundial de Oração do Papa) iniciou em 2009 um processo de Recriação, no sentido de atualizar a sua identidade e missão para os dias de hoje, de forma a melhor responder às necessidades presentes da Igreja.

Na verdade, o Apostolado da Oração, fundado há 175 anos, sempre teve como identidade mais profunda ser um serviço eclesial de ampla difusão e com uma tradição muito enraizada nas comunidades cristãs em todo o mundo. Pretende criar nos cristãos uma sensibilidade para a união entre a oração e a vida, através do oferecimento da própria vida em união com Cristo e servindo, nas possibilidades de cada um, a missão da Igreja. Esta missão encontra a sua orientação nas intenções de oração do Santo Padre.

Este longo caminho, como é natural, acabou por ter de se confrontar com uma questão decisiva e responder com coragem e liberdade às perguntas: como serviço eclesial, estamos a prestar o melhor serviço aos homens e mulheres de hoje? O que é que hoje o Espírito nos chama a ser? Com que linguagem? Com que meios?

O processo de recriação foi longo, cerca de dez anos, e culminou com a aprovação, pelo Papa Francisco, em abril de 2018, dos novos Estatutos, constituindo o Apostolado da Oração como Obra Pontifícia, que passará a ser designada como Rede Mundial de Oração do Papa. Dentro deste processo, surgiu a necessidade de criar um itinerário formativo que ajudasse a aprofundar a espiritualidade desta Obra Pontifícia. Nasceu, assim, *O Caminho do Coração*.

ANTES DE SER APÓSTOLOS, SOMOS DISCÍPULOS

Para sermos **apóstolos** e missionários, é necessário, em primeiro lugar, forjar o coração do **discípulo**. E é precisamente aqui que o itinerário espiritual *O Caminho do Coração* adquire todo o seu valor e beleza. Este é uma verdadeira escola do coração.

A Rede Mundial de Oração do Papa procura ajudar os cristãos de hoje a situar-se no coração do mundo, com uma espiritualidade centrada no Coração de Jesus. Por isso, é essencial, na formação do coração do discípulo, facilitar a relação pessoal e afetiva com Cristo. Daí brotará a *atitude interior* de disponibilidade para ser apóstolo na vida diária.

Interessa aqui clarificar o que entendemos por *atitude*. Habitualmente referimo-nos a atitude como

um modo de agir, de proceder ou de se comportar. Mas a atitude, na verdade, é um processo muito mais amplo. É a manifestação externa de uma síntese e compreensão interior. É o que se vê de fora daquilo que habita o interior, do que enche o coração. A atitude, neste sentido, representa um estilo de vida, uma identidade manifestada.

No caso do *discípulo* em caminho para ser *apóstolo*, esta atitude manifesta-se na *disponibilidade para a missão*. Significa uma disposição interior para acolher os sentimentos de Jesus e forjar em si mesmo o seu estilo de vida. Só assim a missão será uma parte integrante da vida de fé e não apenas atos isolados. A missão não tem horários, não é um voluntariado, nem uma tarefa, é um estilo, um modo de estar no mundo.

A partir desta perspetiva, a missão, não como tarefa, mas como forma de vida inteira, como parte integrante da nossa fé, adquire um horizonte mais criativo e mais amplo. O discípulo que se transforma em apóstolo colabora com Jesus na missão que Ele recebeu do Pai e que hoje, como Ressuscitado, continua a querer realizar no mundo. Vive numa comunidade formada por uma Rede Mundial de Oração, que reconhece nos desafios do mundo e da missão da Igreja, expressos na intenção de oração do Santo Padre, um chamamento concreto, em cada mês, para a oração e a ação.

A atitude de disponibilidade é também a disposição interior para oferecer a própria vida como instrumento de reconciliação, paz, consolação, amor na vida diária. Irá fazê-lo com gestos, palavras, ações concretas, pequenas, e assim contribuir, na medida que lhe é própria, para a edificação do reino de Deus, naquela parte que lhe está confiada e que ninguém pode fazer em seu lugar.

REVESTIR-SE DE CRISTO

A meta da vida cristã é realizar na própria vida a presença do imenso Amor de Deus e comunicá-lo aos outros. E como Cristo é a manifestação, na nossa história e na nossa carne, do Rosto da Misericórdia do Pai, é para Cristo que devemos dirigir o nosso olhar: contemplar, deixar-nos seduzir, apaixonar e segui-Lo com entusiasmo e entrega.

Este percurso faz-se através da oração. Uma oração que, em primeiro lugar, deve estar orientada para a transformação da vida, na configuração com Jesus Cristo, porque, de outra forma, a oração seria algo es-

téril e artificial. Quando a nossa oração não dá frutos de boas obras, isso mostra que no coração do homem não aconteceu nada de real. Significa que este, qualquer que sejam os seus gostos, ideias ou imaginação, na realidade, não se encontrou com ninguém. Não foi interpelado, não se descentrou. A oração é um ato relacional com Alguém que tem impacto nos nossos afetos, pensamentos e atitudes. Por isso é que este itinerário do Caminho do Coração se assume como uma escola de transformação do coração do discípulo no Coração de Jesus, até ser semelhante a Cristo em todos os campos da sua vida.

AS ETAPAS DESTA CAMINHO

Não temos aqui espaço para desenvolver em que consistem as nove etapas deste caminho. Estas já foram apresentadas e desenvolvidas em anos anteriores, nesta revista, mas também podem ser encontradas no livro *Manual do Apostolado da Oração*, edição de 2016, no site do *Click To Pray* (clicktopray.org) e no site internacional da Rede Mundial de Oração do Papa (popesprayer.va). Aqui interessa apontá-las e esquematizar a sua dinâmica interna.

Este itinerário começa com o dar-se conta que *No princípio está o amor* (passo 1), que é Deus Pai que nos ama primeiro, independentemente do que somos ou fazemos. É Ele quem toma a iniciativa da relação. É Ele que sempre nos ama, apesar de o nosso *coração estar inquieto e necessitado* (passo 2), centrado em si mesmo e desiludido com tantas coisas, sem encontrar muitas vezes o sentido de uma vida plena e feliz. Este fechamento do coração em si mesmo é o reflexo do fechamento do mundo à ação de Deus, pois vivemos num *mundo que perdeu o coração* (passo 3), que se tornou insensível, indiferente ao sofrimento dos outros, marcado pelo interesse, pela exploração, pela desigualdade social e a depredação dos recursos do planeta. Damo-nos conta, em primeiro lugar, que nós e toda a criação não conseguimos responder plenamente ao amor primeiro e criador de Deus Pai.

Ele, porém, na sua misericórdia, não Se esquece de nós e vem ao nosso encontro, assumindo a nossa história e a nossa carne, *enviando-nos o seu Filho para nos salvar* (passo 4). Aqui dá-se um passo de maior profundidade. Cresce a intensidade da aproximação de Jesus ao nosso coração. Ele *chama-nos seus amigos* (passo 5), convida-nos a ser discípulos, a estar gratuitamente

com Ele. Esta amizade pede tempo, gosto em estar, saborear a presença através da oração até que, finalmente, sejamos verdadeiramente *habitados por Ele* (passo 6) e transformados n'Ele. Com o coração apaixonado, damos então a nossa resposta, *dando a vida como Ele a dá* (passo 7), numa atitude eucarística. O modelo da nossa entrega é a cruz de Jesus, o mistério da sua Morte e Ressurreição, que renovamos cada dia na Eucaristia. É por isso que a atitude de oferecimento expressa na oração de oferecimento das obras do dia tem ressonâncias eucarísticas tão fundamentais. A Eucaristia é escola e fonte da vida como missão. Missão esta que é a participação da missão de Jesus hoje no mundo, numa *missão de compaixão* (passo 8), voltada para trazer esperança, amor, reconciliação a quantos vivem necessitados de amor e justiça, de modo especial os mais pobres e desfavorecidos. Esta missão de compaixão tem uma orientação concreta, um mandato, que vem do olhar do Santo Padre sobre o mundo expresso nas intenções que confia à sua *Rede Mundial de Oração* (passo 9). Estas intenções são, para quem fez este itinerário, um chamamento concreto a realizar na vida a missão de compaixão.

A REVOLUÇÃO DA TERNURA

Em jeito de resumo, terminamos com as palavras do Papa Francisco, que dizem o essencial desta proposta, na celebração dos 175 anos do Apostolado da Oração em Roma: «É bom recordar o fundamento da nossa missão. Trata-se de uma missão de compaixão pelo mundo, poderíamos dizer, um “caminho do coração”, ou seja, um itinerário orante que transforma a vida das pessoas. O Coração de Cristo é tão grande que deseja acolher-nos todos na revolução da ternura. A proximidade ao Coração do Senhor exorta os nossos corações a avizinhar-se amorosamente dos nossos irmãos e irmãs, e ajuda a entrar nesta compaixão pelo mundo. Somos chamados a ser testemunhas e mensageiros da misericórdia de Deus, para oferecer ao mundo uma perspetiva de luz onde há trevas, de esperança onde reina o desespero, de salvação onde abunda o pecado. Rezar é entrar com o meu coração no coração de Jesus, percorrer um caminho dentro do coração de Jesus, aquilo que Jesus sente, os sentimentos de compaixão de Jesus e também fazer uma viagem dentro do meu coração para o mudar nesta relação com o coração de Jesus» (28 de junho de 2019).

«ESTIVE
NA PRISÃO
E FOSTES
VISITAR-ME»
(MT 25, 36)

M^a Martinha Silva
(Adoradora)



A notícia irrompeu como um estrondo e foi-se disseminando além-fronteiras: «Ex-recluso matou e violou freira em São João da Madeira».

Encontrava-me fora do país e também eu fiquei profundamente impressionada com a notícia. A primeira coisa que me veio à mente foi aquele fim de tarde de inverno frio e chuvoso, quando passei de carro diante do Estabelecimento Prisional (EP) de Coimbra. Em frente ao portão, um rapaz parado no passeio com ar desorientado e indeciso; na mão, um saco preto do lixo fechado com um nó tosco.

Reconheci-o das Missas de domingo no EP, onde sou voluntária, e parei de forma abrupta: era o Belmiro! Quando me viu, pareceu suspirar de alívio. Tinha sido posto em liberdade sem contar. Há anos que não sabia o que era ser livre e mal conhecia as ruas de Coimbra. Todos os seus pertences estavam metidos no fundo daquele saco do lixo e nos bolsos não tinha sequer uma moeda. A família de referência era a mãe e uma irmã, que viviam lá para os lados de Aveiro e com quem não mantinha grande contacto, nem sabia se o aceitariam.

Ligámos à mãe do meu telemóvel e ela, sem grande entusiasmo, disse que fosse. Convidei-o a entrar no carro e levei-o até à estação dos comboios para comprar o bilhete e tratar da viagem. Pelo caminho, o Belmiro perguntou-me em tom intrigado:

– Porque é que fazes isto? Não tens medo?

Surpreendida pelo ato irrefletido, de alguma insensatez da minha parte e sem saber o que dizer, reposte:

– Achas que devia ter medo de ti?

Ele respondeu:

– Olha que eu até sou um gajo fixe, mas deves ter cuidado!

Efetivamente, conhecia-o já há algum tempo, porque nos cumprimentávamos e falávamos todos os domingos na capela do EP, mas desconhecia muito da sua vida e a razão que o tinha levado à cadeia.

Esta memória fez-me tomar consciência da minha proximidade com a Irmã Antónia, confrontando-me com o meu ser mulher, freira e visitadora voluntária na cadeia. Por um lado, sentia-me profundamente ferida e, por outro, chamada a empreender um processo de encontro e a tecer caminhos de reconciliação.

Este nosso Deus – o de Jesus – não deixa de ser surpreendente e desconcertante: que Se identifique com as vítimas, parece aceitável, pacífico e até louvável! Mas que Se identifique com os agressores, os criminosos, os delinquentes... parece excessivo e até descabido!

Sempre que ia ao EP e me cruzava com as visitas em longas filas na porta, perguntava-me como seria ter de passar por essa experiência, que tem muito de despojamento e humilhação, para voltar a estar com quem ainda se ama, apesar dos erros e dos desencontros. Pressentia que uma coisa era ir lá como visitadora voluntária católica e outra, bem diferente, seria ir visitar alguém próximo ou com alguma implicação comigo. E, nesta situação da Irmã Antónia e do Alfredo, eu sentia-me implicada.

Tudo isto despoletou em mim sentimentos intensos e opostos, mas sinto que Deus me chama a permanecer, a fazer processo de disposição a encontrar-me com Ele neste acontecimento aterrador, que nos confronta com o lado mais escuro e perverso da condição humana.

Senti necessidade de me ir preparando para ir visitar o Alfredo...

O Grupo de Visitadores Voluntários Católicos a que pertença chama-se “Mateus 25”, por aquela frase de Jesus: «*Vinde, benditos de meu Pai! (...) Porque estive na prisão e fostes visitar-Me*» (Mt 25, 34.36). Este nosso Deus – o de Jesus – não deixa de ser surpreendente e desconcertante: que Se identifique com as vítimas, parece aceitável, pacífico e até louvável! Mas que Se identifique com os agressores, os criminosos, os delinquentes... parece excessivo e até descabido! Entram em jogo as imagens que temos de Deus e que a realidade tantas vezes descobre e desconstrói, convidando-nos a revisitá-lo, reorientar e retomar o caminho de conversão ao Deus de Jesus.

Chamados que somos como cristãos a contemplá-lo, a deixar-nos afetar pelos seus gestos e atitudes, pela sua forma de ser e estar em relação de intimida-

de estruturante com o Pai e de entrega ao projeto do Reino; se O acompanhamos pelos caminhos da Galileia, vendo-O deixar-Se tocar e afetar pela situação dos pobres, dos leprosos, das prostitutas, dos últimos e excluídos, curando e libertando, certamente, ser-nos-á dado ir crescendo em intimidade e configuração com Ele.

Por altura do Natal, escrevi um postal ao Alfredo, apresentei-me e falei-lhe desta minha disposição em visitá-lo. Ele acedeu, e fui recentemente ao seu encontro. Dentro de mim, a sensação de profunda fragilidade e tremor pela minha condição de «mulher afetada» e a humilde consciência de que «este tesouro – que é a graça (gratuita) de Deus – o levamos em vasos de barro» (2 Cor 4, 7).

Uma primeira experiência de despojamento foi ter de deixar fora alguns pertences pessoais, bem como os artigos de higiene pessoal e bloco de folhas e caneta, que levava para o Alfredo, pois ainda não tinha tido nenhuma visita. Naquele EP não pode entrar nada que exista lá à venda. Pelo caminho, até chegar à sala das visitas, nos distintos espaços por onde ia passando e aguardando, fui reparando e conversando com as pessoas que estavam ali com o mesmo objetivo: mães, esposas, filhos grandes e pequenos, namoradas, avós, todos unidos pelo mesmo motivo. Tínhamos alguém próximo ou significativo ali recluso.

O encontro com o Alfredo deu-se numa fila de mesas, cada um sentado de um lado em frente ao outro, havendo outros reclusos e visitas nos respetivos lados. Conversámos durante a hora que durou a visita sobre o seu percurso de vida, marcado por ruturas e experiências de abandono, abuso, violência, adiões, crimes, penas já cumpridas, etc., a par com escassos ou inexistentes vínculos positivos e reabilitadores.

Nestas situações, amiúde, podem identificar-se carências a vários níveis: no acompanhamento e respostas nas diferentes etapas da vida, estrutura interna frágil e debilitada, falhas no sistema prisional e de re inserção social, na (re)integração na comunidade, etc.

Mas é igualmente possível identificar que, no meio de tudo isso, se vislumbra uma boa e poderosa notícia: continua a haver pessoas que vivem o Evangelho até às últimas consequências, ao estilo de Jesus, a Quem decidiram seguir – e o reafirmam nas circunstâncias mais desafiantes e perigosas: nas periferias sociais e humanas, confiando e entregando-se sem reservas pela causa do Reino. E a Irmã Antónia foi exemplo claro disso!

O DEUS DE PERDÃO

P. Wilfrid Harrington, o.p.

O perdão não acontece de modo leviano. Uma ofensa é o que de mais pode ferir quando é infligida por alguém próximo e querido. Na nossa mentalidade humana, consideramos razoável que o perdão seja protegido por algumas condições: exigimos algum tipo de reparação. E há também o facto de – falando humanamente e com a melhor das intenções – não ser fácil esquecer uma ferida profunda. A sua memória está dentro de nós, no nosso ser mais profundo.

Deus realmente esquece?

Pelo que vimos até agora sobre Deus, não deveria ser uma surpresa que Deus é, absolutamente, o Deus de perdão. Ainda assim, uma das dimensões de Deus que o ser humano tem mais dificuldade em aceitar é a amplitude e a profundidade do perdão divino. Compreendemos mal o perdão de Deus quando o atenuamos com os critérios do nosso perdão; e, infelizmente, acabamos por imaginar o perdão divino segundo o modelo humano. De facto, em consonância com a nossa imperfeita imagem de Deus, assumimos que o seu perdão seja relutante: uma divindade ofendida está preparada para perdoar, assim que seja provida da respetiva reparação¹. É uma tris-

te desvirtuação do perdão de Deus. E, ainda assim, é a perspetiva que permanece.

A robusta fé dos profetas pode oferecer-nos algum alento. Isaías apresenta-nos uma oração atribuída ao rei Ezequias depois de ter sido liberto da iminência da morte. A oração tem uma palavra de esperança: «A minha amargura converteu-se em paz, quando preservaste a minha vida do túmulo vazio; lançaste para trás de Ti todos os meus pecados» (Is 38, 17). Miqueias, na sua lamentação por Sião, declara:

«Qual é o Deus que, como Tu, apaga a iniquidade e perdoa o pecado do resto da sua herança? Não se obstina na sua cólera, porque prefere a bondade. Uma vez mais, terá compaixão de nós, apagará as nossas iniquidades e lançará os nossos pecados ao fundo do mar» (Mq 7, 18-19).

Que imagens poderosas! Que consolações vigorosas! «Lançaste para trás de Ti todos os meus pecados»: arrancaste-os de mim, atiraste-os para as tuas costas e seguiste em frente, sem qualquer olhar para trás. «Apagará as nossas iniquidades»: Ele cobri-las-á, profunda e firmemente, Ele as apagará para sempre do seu olhar. «Lançará os nossos pecados ao fundo do mar»: suprimirá os fardos pesados que nos esmagam e afundá-los-á nas profundezas obscuras onde eles pertencem.

Esta é a experiência profética do perdão divino, digna do seu Deus. Somente Jesus poderia fazer melhor com a sua inesquecível parábola do Pai de amor que, sem qualquer dúvida ou condição, acolhe e restabelece o seu filho errante (Lc 15, 20-24). Nós, que somos tão competentes em retratar a severa justiça de Deus, somos muito pobres em retratar o seu amor e misericórdia.

Reconciliação

Um modo concreto de nos aproximarmos da verdade do perdão de Deus é através do sacramento da reconciliação. Uma verdade aparentemente esquecida é a de que o perdão de Deus é um dom absoluto, imerecido e indevido. Ainda que falemos do perdão de Deus como um dom, muitos sentem que o devem conquistar, que este advém somente depois de cumprir uma penitência, de satisfazer a sanção. Na realidade, a iniciativa vem de Deus. O perdão é um dom do seu amor. Tal foi expresso de modo incisivo pelo teólogo Herbert McCabe:

«Nunca te iludas em pensar que, se te sentires contrito e arrependido pelo teu pecado, Deus virá e te perdoará – que Ele Se sentirá tocado pelo teu apelo, mudará o seu sentimento em relação a ti e te perdoará. Nada disso. Deus nunca altera o seu sentimento em relação a ti. O que Ele faz, uma e outra vez, é mudar o teu sentimento em relação a Ele. É por isso que te sentes arrependido. É nisso que está o perdão. Tu não és perdoado porque confessas o teu pecado. Tu confessas o teu pecado, reconheces-te no que és, porque és perdoado».

Deus é amor, mas os seus filhos nem sempre vivem no amor. Precisamos de perdão. Precisamos de abrir os nossos corações a um perdão que é oferecido livremente, para o recebermos em liberdade. Precisamos de nos voltar para o Pai. O nosso Pai perdoa, inteiramente e avidamente, se Lhe concedermos uma oportunidade. Procurar o perdão de Deus é voltar a casa; ser perdoado é ser recebido em casa. É um momento de alegria, para ser celebrado e saboreado.

A resposta ao perdão

Tal permanece a dimensão fulcral do perdão. Com frequência, o agir de Deus é colocado num contexto severo de reparação, negando a sua benevolência. A resposta que deve corresponder a este perdão é a resposta do amor. Lucas expõe-nos esta resposta no relato da «mulher, conhecida naquela cidade como pecadora» (Lc 7, 36-50). Trata-se de uma mulher que encontrou pre-

viamente a Jesus, recebendo o seu perdão. Ela fez um gesto corajoso e extravagante: beijou os pés de um Jesus reclinado, para escândalo evidente do seu anfitrião fariseu. Jesus aceitou a sua presença e serviço com uma amável cortesia. E o seu veredicto foi claro e assertivo: «digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou» (Lc 7, 47). O perdão não nos deixa indiferentes; mas a resposta a este perdão não consiste em compensar uma divindade ofendida.

A melhor resposta ao perdão consiste em estender o perdão aos outros. Na chamada parábola do servo inclemente, de Mateus (Mt 18, 21-35), encontramos de novo a um pecador e ao seu Deus. Uma dívida inextinguível é informalmente perdoada em resposta à súplica do pecador. Mas quando o beneficiado de tal perdão não consegue encontrar misericórdia no seu próprio coração, o Senhor fica «indignado» (18, 33). A resposta ao compassivo perdão de Deus não pode consistir no pagamento de um débito que já está, efetivamente, anulado. Trata-se, antes, de agradecer apaixonadamente a bênção de tal amor que perdoa. E estarmos preparados para, por nossa parte, sermos capazes de perdoar.

¹«Pound of flesh» no original: expressão que surge na obra de William Shakespeare *O Mercador de Veneza*, referindo-se à exigência colocada pela personagem Shylock [N. T.].

(Publicado em *The Sacred Heart Messenger* / Irlanda)

Procurar o perdão de Deus é voltar a casa; ser perdoado é ser recebido em casa.

BEATO BERNARDO DE HOYOS

Miguel Pedro Melo, s.j.

Desde bem cedo que a espiritualidade do Coração de Jesus gerou na Igreja dinamismos comunitários de rede. Não é por acaso que o Apostolado da Oração foi recriado como Rede Mundial de Oração do Papa. No mês passado, com o P. Alberto Hurtado, víamos que na base deste dinamismo de rede ou de união está o modo de ser da própria Trindade. Hoje, acompanhados pelo P. Bernardo Hoyos, procuraremos ver na criação de redes de apostolado uma prática que segue a lógica do coração de Cristo.

1. Pode um coração ter lógica?

Imaginemo-nos em França. Todo o alvoroço daquele século XVII, inventivo, especulativo, experimental, era absorvido pelo jovem matemático Blaise Pascal. Diante dos seus colegas intelectuais e não crentes, Pascal via-se confrontado com uma separação quase absoluta entre o que é racional e o que é do domínio afetivo, sentimental e religioso. Por um lado, os seus amigos ateus preferiam o racional ao afeto religioso. Por outro lado, alguns teólogos do seu tempo pareciam-lhe estar a racionalizar demasiado a fé para se defenderem do ateísmo vigente. Depois da devida reflexão, Pascal ofereceu um pensamento que queria provocar ambos os lados da barricada, ateus e teólogos. Dizia ele que «o coração tem razões que a razão desconhece».

Este seu pensamento diz-nos que o coração tem umas razões tal como a razão tem as suas, e a nós cabe-nos optar por uma lógica ou pela outra. Estas palavras fazem

um uso da linguagem muito bonito, que nos permite reconhecer que pode haver uma outra profundidade da razão, além daquela mais fria e distante, própria da reflexão quantitativa. Ainda assim há um problema. Pascal não conseguiu superar a divisão entre coração e razão que os seus colegas propunham; apenas apontou para a religião como um âmbito de razões mais profundas que as da razão científica. Mas, no fundo, o dilema mantinha-se como os dois lados de uma cerca: coração ou razão.

A espiritualidade do Sagrado Coração propõe-nos uma aproximação diferente à oposição: coração ou razão. Para esta espiritualidade, o racional tem a ver com a reflexão interior e o seu pólo oposto não é o mundo afetivo do coração mas a experiência prática da ação no mundo. O coração é o símbolo físico de uma síntese possível entre interior e exterior, reflexão racional e experiência prática do mundo. Neste sentido, ao olhar para o coração de Cristo e a sua misericórdia para com todos, muitos santos e místicos aprenderam a fazer uma síntese prática entre reflexão e ação, entre vida interior e atividade no mundo. Não punham no centro a oposição coração-razão mas o aprender de Cristo a conciliar no afeto a sua razão interior com as suas ações no mundo. Nesta linha, o 2º artigo das Constituições das Escravas do Sagrado Coração de Jesus é muito elucidativo quando diz: «No Coração d'Aquele que traspassaram, contemplamos a manifestação da Misericórdia que nos leva a olhar o mundo com esperança».

2. Corações em Rede

Um das parábolas da Misericórdia é a do filho pródigo acolhido pelo pai misericordioso. Nesta parábola, Jesus fala de um filho que abandona o seu pai e que, depois de ter gasto os bens familiares, é acolhido pelo pai com misericórdia e não com uma punição equivalente aos seus atos. Na verdade, a experiência de Deus que Jesus faz é uma experiência de misericórdia que O leva a ampliar a lógica de equivalência a uma lógica de excesso, uma lógica de generosidade capaz de acolher a realidade e, assim, transformá-la. Esta é a lógica do coração de Jesus! A sua misericórdia gera uma lógica da generosidade que cria a comunhão com aquele que estava disperso, possibilita a rede com aquele que se tinha desligado.

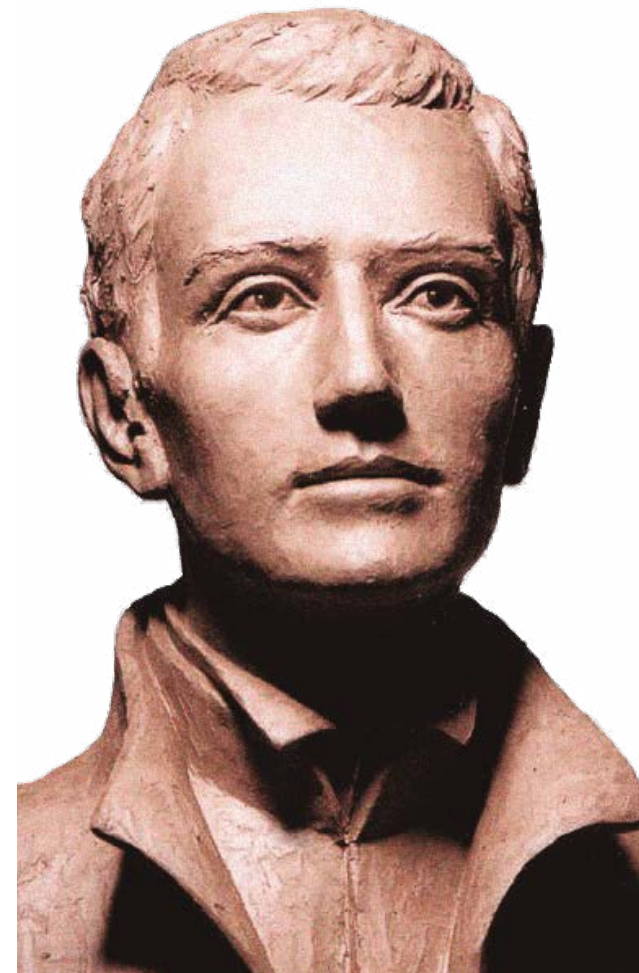
O jesuíta espanhol Bernardo de Hoyos é certamente exemplo desta experiência do excesso do amor de Deus que o leva à criação de redes de corações em torno do

Sagrado Coração. Trata-se de uma verdadeira articulação do interior com o exterior, do pessoal com o comunitário. A sua experiência de Deus era tão transbordante que não podia ser contida numa certeza individual. Precisava de ser comunidade de corações em rede. Neste sentido, propomos de seguida a leitura de dois escritos do jovem jesuíta. O primeiro fala-nos da sua experiência transbordante de Deus e o segundo do modo como ele se sente impelido a criar uma rede de amigos/colaboradores, no seu desejo de difundir a sua experiência da misericórdia do Sagrado Coração.

O Senhor comunicou-me os seus favores por um modo mais elevado, afastado do sensível e com uns sentimentos altíssimos e, ao mesmo tempo, cheios de doçura, muito sólidos e semelhantes aos sentimentos da fé. E neste momento parece-me que de certo modo o Senhor mudou o modo de atuar no meu espírito, porque os seus favores, não sendo tão frequentes, são mais contínuos.

Se não me posso ocupar por causa dos meus estudos de teologia da propagação direta da devoção ao Sagrado Coração, vou tratar de contagiar o que recebi do Senhor aos meus superiores e jesuítas da província. O padre Villafañe conhece-me bem, acaba de concluir o seu período como provincial e coincidiu na última Congregação Geral da Companhia com o padre Gallifet, ao qual nunca agradecerei o suficiente ser o autor que me pôs no caminho de descobrir o tamanho do amor que Deus nos tem... Eguiluz foi o meu padre mestre [de noviços], depois do padre Manuel Prado, e os dois conhecem a maioria das minhas coisas. Não necessitarei de lhas explicar. Também deverei falar com Eduardo Morales, Juan Carbajosa, Manuel de la Reguera, Pedro de Peñalosa, que está já a traduzir um livro sobre o tema do padre Croysset... Tudo avançará.

Tenho de cativar, além do mais, os jesuítas que me são mais próximos; o Cardaveras, que me aproximou da descoberta desta devoção; o Loyola, que foi testemunha dos acontecimentos da minha alma e confidente de todo o meu processo espiritual. Vai ajudar-me. Sabe escrever com luz e agilidade e eu necessitarei do seu apoio para publicar um livro sobre o Sagrado Coração; sabe também que este empenho meu é antes empenho do Céu. (...) Por último há que cativar para este projeto, que sem dúvida é de Deus, a hierarquia e a corte do rei Filipe V.



3. Questões para refletir e tirar algum proveito

- O chamamento à amizade é o acolhimento de um convite de alguém que quer entrar na tua vida e fazer-te bem. Desejas a amizade de Jesus?
- A tua relação com Cristo faz aumentar em ti a paciência e a misericórdia para com os outros e para contigo mesmo? Se sim, agradece. Se não, questiona delicadamente o porquê.
- A tua relação com Cristo não é um jardim privado, ela comporta o dom da vida comunitária, familiar, partilhada. Na tua experiência de fé, rezas a Jesus pelo mundo e deixas que o mundo te fale de Jesus? Unes-te em rede a outros para rezar? A oração gera em ti desejo de transformar o mundo com outros?



SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Teresa Dias Costa

Dia 19 deste mês, segunda sexta-feira após o feriado do Corpo de Deus, celebra-se o dia do Sagrado Coração de Jesus. A intenção do Papa Francisco faz-lhe referência, pedindo-nos que rezemos «para que aqueles que sofrem encontrem caminhos de vida, deixando-se tocar pelo Coração de Jesus». Esta intenção torna-se particularmente premente tendo em conta todos aqueles que foram e são afetados pelo novo coronavírus.

Trago à memória o sacrário da Igreja do Foco (Igreja Paroquial Nª Sª da Boavista), no Porto (por coincidência, numa das zonas mais afetadas por este vírus no nosso país). O sacrário surpreende pelo imediatismo táctil: um recesso cor de ouro, rasgado, arranhado; deixando entrever, centrado na composição, um rasgo vermelho. É um sacrário que arrisca querer desenvolver o mistério da Eucaristia e, também, o que é – na sua essência – o Coração de Jesus.

Em primeiro lugar, é um túmulo, uma gruta; rocha arranhada e escavada, para se fazer vazio; para receber

o corpo, mas também para receber a ideia do vazio – da ânsia do que nos falta. É pão, queimado e dourado, com os rasgos da massa levedada que cresce quando coze; e vinho, que se mostra na cor avermelhada daquela ferida. Mas também é, simultaneamente, corpo. É um corpo chicoteado, arranhado, sofrido, que mostra o seu lado trespassado na cruz, de onde jorra «sangue e água», como conta o Evangelho de João.

São estes os momentos-chave em que Jesus revela o seu coração. Coração vivo, onde, como João na Última Ceia, nos podemos reclinar. Coração que se dá, até na Cruz, quando trespassado pela lança do soldado. O coração de Jesus dança entre ser acolhimento para quem o procura e ser transformação dos nossos piores momentos. É o vazio do túmulo, que se sente profundamente quando sofremos, na certeza de que seremos transformados na Ressurreição. Que sejam os nossos corações, também, transformados à imagem deste coração vivo de Jesus.



Carlos Carvalho, s.j.

TRAZEMOS, PORÉM, ESTE TESOURO EM VASOS DE BARRO

(2 Cor 4, 7)

No dia da minha ordenação, a minha prima deu-me uma agulha de coser redes de pesca, de madeira, já um pouco deteriorada pelo tempo. Trazia as marcas da minha família, as chamadas siglas poveiras, e tinha pertencido ao meu trisavô. Era um objeto de madeira, simples, frágil, básico, mas um tesouro para mim. Algo semelhante pode acontecer com a fé. Um dia, de forma simples, alguém nos ensinou a rezar o Pai-Nosso, alguém nos falou fragilmente de Jesus, alguém nos levou, pela primeira vez, a uma Igreja ou nos fez entrar numa missa, alguém nos deu um crucifixo ou nos falou de Nossa Senhora. Alguém, quando éramos pequenos, nos batizou ou, quando já éramos crescidos, nos ajudou a fazer a experiência da fé. E esse alguém pode ter sido da nossa família, um amigo ou um catequista.

Durante muitos anos, no nosso país, a comunicação da fé de pais para filhos, de avós para netos, de certa forma, era um processo natural, que passava por uma transmissão de hábitos religiosos, de valores e de conteúdos catequéticos. As crianças e os adolescentes faziam o percurso sacramental da iniciação cristã, depois de uma longa participação na catequese, iam aos grupos de jovens, faziam parte da Cruzada Eucarística, iam assistir à missa dominical, iam... Sem querer criticar tudo quanto de bom existe na tradição cristã do nosso país, evitando cair na tentação de reduzir o passado recente à caricatura de uma fé superficial, a realidade que vivemos hoje propõe-nos um contexto diferente.

Há dias, falava com uma mãe, que tem uma filha de 12 anos, que me dizia que era cada vez mais difícil levar a filha à missa. Aquilo que parecia natural e garantido, afinal não está. A linguagem da fé parece que se foi distanciando da vida, a ponto de restar apenas um pequeno eco. Somos um país crente? Como cristãos, somos capazes de dar razões da nossa Fé? Ou somos apenas cristãos de nome? Cristãos dos sentidos populacionais?

Partindo da experiência da transmissão da fé nos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal, decidimos entrevistar um conjunto de pessoas que estão envolvidas neste árduo processo de ajudar cada um a aprofundar e a descobrir as razões da Esperança: pais, catequistas, alunos e avós.

SER DISCÍPULO NA PRÓPRIA CASA

O **Mário e a Olímpia**, um casal com quatro filhos e três netos, muito envolvido com as Comunidades de Vida Cristã e com o Relógio da Família, na arquidiocese de Braga, dão-nos o seguinte testemunho:

«A transmissão da Fé é um desafio para o qual não estamos sós! Tantas e tantas vezes nos questionamos: E agora? Como é que eu faço para que o meu filho acredite em Deus? Porque é que a minha filha não acredita? Como posso ajudar os filhos a serem bons cristãos? Se calhar são questões para colocar, em casal, quando se projeta uma família...

Nós, pais, só transmitimos o que vivemos, aquilo em que acreditamos, e a Fé não é exceção. Se a oração fizer parte do dia a dia, os filhos vão aprender. Se formos mostrando um Deus presente nas nossas vidas, eles vão-se habituando a conviver com Ele. Se abrirmos o coração ao Espírito, a confiança afastará o medo e ser-nos-á dada a conhecer a sua Vontade sobre a nossa postura em cada etapa. Na transmissão da fé é preciso dar “espaço” à pergunta... Se não permitirmos as perguntas, não deixamos que encontrem as respostas! A importância de um ambiente que estimule a vivência da Fé, iniciada em casa, é fundamental para que as crianças estruturam a sua vida interior e o encontro com o Transcendente».

Jesus diz no Evangelho que nenhum profeta é bem recebido na sua terra (Lc 4). Parafraseando, poderíamos dizer que ser discípulo na própria casa não é fácil. Dar testemunho diante dos nossos, por vezes, é mais exigente que fazê-lo fora de casa, com estranhos. Por isso, diante dos que nos conhecem melhor que ninguém, torna-se uma tarefa árdua dar testemunho de Cristo. Tal como na eucaristia Cristo Se faz presente pela associação sacramental entre gesto e palavra, assim também na vida da família, igreja doméstica, a transmissão da fé desafia ao exemplo coerente. Como pai, como mãe, como irmão mais velho que testemunho de Jesus dou em casa? De que forma os meus gestos, as minhas palavras, as minhas atitudes, os meus sentimentos tornam Jesus presente na minha família?

A **Ana João e o Francisco**, alunos do 12º ano do Colégio das Caldinhas, que depois de terem recebido o sacramento do Crisma, no ano passado, dão agora catequese aos alunos mais novos, falam-nos da forma como procuram transmitir a fé aos seus irmãos:

«Para começar, incentivo sempre as minhas irmãs a virem comigo à missa pois, tal como gostamos de ter pelo menos um momento dedicado à família, Jesus também gosta que tenhamos um momento de oração em comunidade. E, para além de fazer pequenos gestos ao longo do dia, tal como ajudar nas tarefas que elas sentem mais dificuldade em executar, rezo com a minha irmã mais nova à noite, que ainda tem dificuldade em saber o que tem para agradecer».

«Transmito a fé à minha irmã mais nova através do amor e do testemunho da vida cristã, com referências ao Evangelho e exemplos de episódios que passei a nível espiritual. Tento sempre incutir nela um gosto pelo caminho do bem e pelas experiências diferentes que o nosso colégio nos proporciona».

A **Filomena**, mãe de quatro filhos e avó de quatro netos, muito implicada nos Grupos de Vida Cristã do Colégio S. João de Brito, deixa-nos o seu testemunho de avó:

«Deus faz parte da nossa família. Está cá em tudo o que fazemos, desde que nos levantamos até que nos deitamos. De manhã damos os bons dias, à noite agradecemos e revemos o dia, desde que começam a falar: “Jesus, obrigada por este dia, por tudo ter corrido bem, dá saúde a todos, principalmente a (bisavós, avós ou quem estiver doente)”. Mais crescidinhos, pedem desculpa pelas asneiras do dia, sem grande enfoque, porque não se angustiam muito com as faltas... é só para se habituarem a avaliar. Sou defensora de ir sempre à missa conosco, sabendo que não a vamos viver da mesma forma e que ao menor ruído um de nós sai e volta quando tiver passado. Também valem desenhos e telemóvel na missa, para estarem quietos. Acho que não ajuda a comunidade o que hoje se vê, deixarem as crianças como pequenos selvagens a incomodar todos. No dia a dia, contam-se histórias de Jesus. E repete-se muito uma frase da bisavó: “Deus é tão meu amigo!”, não é, Francisco, Simão, Mafalda (O Xavier ainda é pequeno demais)».

RELAÇÃO COM JESUS, AS EXPERIÊNCIAS DE FÉ E A CATEQUESI

A fé é memória: memória agradecida das amizades, dos acontecimentos, das experiências marcantes, das pessoas, da nossa história. A Palavra de Deus narra a história de salvação do povo da aliança, que atravessou o deserto, que recebeu a Lei, a quem foi dirigida a palavra dos Profetas. No Novo Testamento, a Palavra – o Verbo Eterno de Deus – faz-Se carne, assume a nossa condição e vence definitivamente a morte. Pela sua raiz bíblica e cristológica, a fé, mais do que um conceito, é um processo hermenêutico que traz sentido à minha vida. Na relação com Jesus, no silêncio da oração, sou desafiado a encontrar sentido para as minhas experiências, deixando que Ele, pela ação do seu Espírito ressuscitado, tal como a caminho de Emaús, me narre o sentido das Escrituras e desfaça os nós do meu coração.

A **Cristina** é catequista no Colégio das Caldinhas, tem dois filhos, assistiu à conversão do marido, que fez a primeira comunhão aos 45 anos, e deixa-nos o seu testemunho:

«A fé foi-me transmitida de forma muito natural, em especial, pelo meu pai, que sempre se referiu a Jesus como o nosso melhor Amigo. Um Amigo sempre presente, com quem conversamos, a quem sempre agradecemos e com quem partilhámos as dificuldades. De igual modo, penso transmitir a fé às crianças com a mesma naturalidade que a recebi. Falando de Jesus com alegria, com entusiasmo e com a força da presença de Deus na nossa vida. As crianças captam e intuem. É a parte invisível que imprimimos nas palavras, nos gestos, na oração e nas atividades. É essa a marca que permanece. As crianças são muito sensíveis e bastante permeáveis. O coração e os sentidos estão sedentos de receber a Palavra e de exprimirem as suas vivências diárias em tudo o que se relaciona com as suas experiências pessoais e familiares. Talvez o maior desafio seja o da criatividade. Para que consigamos captar a atenção e criar momentos de dinâmica e interação constante é exigida uma criatividade para a qual nem sempre se consegue estar à altura».

A **Margarida**, aluna do 12º ano do Colégio S. João de Brito, catequista, partilha connosco as recordações que guarda da sua catequese:

«Na catequese, lembro-me que aprendi várias técnicas para rezar, porque não era algo que até ao 5º ano tivesse o costume de



fazer, cingíamo-nos muito à ida à missa aos domingos e pouco mais, e quando entrei na catequese percebi que a vivência cristã não é só a ida à missa, há também muitas outras formas de rezar, ouvir histórias da Bíblia, falar com as pessoas (amigos, catequistas, padres, familiares), oração pessoal, etc. Essencialmente aprendi a rezar por mim e não só pela influência dos meus pais».

O **Francisco**, também aluno do 12º ano do mesmo colégio, explica:

«Na catequese, acho que a coisa mais importante que aprendi foi a perceber que a minha vida pessoal e social, em família e com os amigos, não se pode nunca separar da minha vivência da fé. Uma deve influenciar sempre a outra e a fé tem de estar presente na vida, não como gavetas estanques que se vão abrindo e fechando mas como duas substâncias homogêneas e indissociáveis».

É tão importante fazer experiências que nos ajudem a pensar e a aprofundar a nossa fé, como sejam fins de semana da pastoral, peregrinações, retiros, dias de reflexão, campos de férias, etc., como assimilar essas experiências e perceber como elas me ajudam a crescer. Não basta ex-

perimentar, é também preciso criar condições para que cada um viva verdadeiramente o que experimenta e tenha a oportunidade de reler o seu interior, escutando os seus sentimentos e emoções.

Tal como nos referem a **Catarina e a Mariana**, catequistas do Colégio S. João de Brito, a grande missão do catequista é levar à descoberta do amor de Deus:

«Na minha missão como catequista o meu maior desafio é fazer com que as crianças se sintam imensamente amadas e encontrem nesse amor Deus, e que a partir daí sintam o desejo de O procurar e de O levar aos outros».

«Mostrar que são amados por Deus, acompanhar a vida e o crescimento, facilitando o crescimento na fé e o conhecimento de Deus e da Igreja, em comunidade».

Somos Filhos de Deus. Somos parte de uma comunidade que nasceu do anúncio dos apóstolos e que, lentamente, se expandiu pelos continentes. Pertencemos a uma comunidade local, onde aprendemos a linguagem da fé, onde somos chamados a servir, a partilhar a vida, a fazer de Cristo o centro das nossas vidas.

A **Maria João**, mãe de quatro filhos, alunos ou antigos alunos do Colégio das Caldinhas, comenta a forma como fazem da família uma comunidade:

«Sendo a família constituída por quatro adultos, sempre privilegiamos a vivência da fé nas atitudes, comportamentos e posturas no quotidiano, face ao que a vida nos vai apresentando, bem como a sua partilha, muito mais do que momentos formais de oração. Esta partilha, quase sempre em momentos informais, em conversas, em refeições, às vezes em momentos lúdicos, em qualquer tempo ou lugar da casa, permite o acolhimento, a avaliação, o apoio, e a eventual correção destas vivências».

A transmissão da fé passa necessariamente pela consciência de que comunicamos o que recebemos, que não somos donos da fé, que precisamos da comunidade para aprender a ler os sinais de Deus nas nossas vidas e no mundo. Precisamos dos outros.

UM ESTILO DE VIDA CRISTÃO

O estilo de vida cristão não está só marcado por valores ou por tradições, mas também pelo exercício contínuo do discernimento, através do qual somos capazes de reconhecer a presença do Senhor Ressuscitado no mundo e da sua consolação na nossa vida. O perigo de um Cristianismo cosmético, superficial, não está longe de nós, nem da nossa família, como comprovam os recorrentes alertas para a forma como celebramos o Natal ou a Páscoa.

A **Teresa**, mãe de três filhos, professora e catequista do Colégio S. João de Brito, partilha connosco algumas atividades que promove em família, com os filhos:

«Rezamos todas as noites: cada um agradece a Jesus uma coisa boa do dia e rezamos o Pai-Nosso. Nas alturas festivas, tentamos fazer com que entrem na história de Jesus: no Natal costumam fazer com os primos um teatro para apresentarem aos mais velhos da família, já houve Adventos em que fizemos teatros de fantoches todas as noites com as personagens bíblicas e na semana santa ouviram todos os dias a história de Jesus. Para além disso, rezamos antes das refeições; vamos à missa de domingo todos juntos e, como damos catequese nesses dias, os miúdos passam algum tempo na paróquia; à noite, depois ou antes da oração, cantamos uma música cristã».

A Rita, mãe de quatro rapazes e avó de duas raparigas, explica como a fé passa pelas coisas simples e pelo exemplo diário:

«Mais do que dizer muitas coisas, é tentar viver a fé nas pequenas coisas da vida que uma criança pequena pode compreender, desde apreciar uma flor bonita, até ao não estragar comida, por exemplo».

A fé não se impõe, propõe-se. Por isso, o contexto familiar e as opções de vida condicionam a forma como essa proposta é vivida: se com coerência ou cosmética; se com liberdade ou com moralismo. Comenta a Filomena:

«Na fé, como em tudo o resto, a educação é uma arte. Quando aprendemos essa arte, sabemos que o que dizemos e não dizemos, o que fazemos e que eles estão a ver, o que dizemos sem ser para eles ouvirem, mas que sabemos que estão a ouvir, o que os deixamos escolher conhecendo-os muito bem e sabendo que já têm as ferramentas necessárias para uma escolha responsável, etc., permite podermos dizer a uma criança que está connosco e por quem somos responsáveis: sim, podes não ir hoje à missa, se não queres ir. Mas pensa bem nas consequências, para que não seja uma escolha pela preguiça e não pela verdadeira vontade. Quando os acompanhamos assim de perto, a escolha acaba sempre por ser a certa. Lembro-me do meu filho Bernardo me pedir para não ir à missa, com 8 anos. E eu olhei para ele, olhos nos olhos, e respondi: está bem. Andou atrás de mim todo o tempo em que me arranjei para sair: mãe, mas posso mesmo não ir? Mãe, não me vais obrigar?... Até que me sentei com ele e fiz a tal conversa: - Bernardo, já és crescidinho para escolher muitas coisas. Eu acho que deves ir, como nós vamos todos, porque é o nosso encontro semanal com Deus. Eu sei que a mim me faz bem e vou, mesmo que não me apeteça. Mas não posso obrigar uma pessoa a gostar como eu gosto. Portanto, se não queres MESMO e não é só preguiça, ok, vamos só nós. Claro que veio connosco e isto nunca mais se repetiu com ele».

Por isso, a oração em família, mais do que um hábito que se possa instituir, tem de ser uma fonte de paz e de perdão, tal como nos refere a Maria João, mãe de cinco alunos do Colégio S. João de Brito:

«Rezamos com música, muitas vezes! A seguir ao jantar, às sextas e aos fins de semana, quando conseguimos acalmar. Muitas vezes, só nós os sete, muitas vezes com amigos, algumas vezes acompanhados pelos padres do colégio, por quem tanta estima temos. Educar na Fé é assim

um trabalho conjunto dos nossos filhos para os pais e dos pais para os filhos. Tentamos também educar na Fé pelo exemplo, que os nossos filhos se orgulhem da forma como vivemos as nossas vidas».

O crescimento é um processo longo e demorado. Quando olhamos as árvores e as suas copas altas, quase que esquecemos os longos anos do seu crescimento e as profundas raízes que as alicerçam e as nutrem. Como nos diz a parábola do sementeiro, a semente, que é a Palavra de Deus, é lançada em todo o tipo de terrenos, mas só dá fruto se cair em boa terra, isto é, pelas boas obras e pelo exemplo. Para além do discernimento, a árvore da fé também se nutre doutros estilos: do perdão, da caridade, da partilha, do amor aos inimigos, em suma, do estilo de Jesus.

A Marta, mãe de três alunos do Colégio das Caldinhas, fala-nos da experiência do exemplo e como, através dele, podemos crescer, inclusive aprendendo a perdoar:

«Foi através do exemplo dos mais velhos, pais e avós, que fomos sendo criados e educados na fé de Cristo. Com o passar dos anos, com a fé amadurecida, queremos nós também ser um exemplo para os nossos filhos. Assim, desde o início, auxiliados pela Eucaristia, catequese e família, temos chamado os nossos filhos a percorrer o caminho da vida tendo como exemplo Cristo, através dos valores da humildade, da gratidão, do respeito e da partilha. Educar é difícil. Muitas vezes falhamos no comportamento, outras sentimos que não estamos a conseguir chegar aos nossos filhos. Mas não desistimos. Sabemos que mais tarde, na idade adulta, estes alicerces estarão lá e que os ajudarão a ser felizes».

A fé é um tesouro frágil, que trazemos em vasos de barro: um tesouro escondido, que nos abre os olhos da esperança e nos dá ânimo nas dificuldades. Um exercício de discernimento da vontade de Deus, que nos permite viver agradecidos por tanto bem recebido. Um tesouro que queremos transmitir, dando testemunho de Cristo e levando a todos a boa notícia da sua ressurreição, porque Deus é amor e cada um de nós foi feito à sua imagem e semelhança. Em casa, no trabalho, na escola, somos todos desafiados a ser discípulos e a fazer da fé em Jesus, em comunidade ou pessoalmente, um estilo de vida, dando razões da nossa esperança e da nossa alegria. Maranatha, vem Senhor Jesus, sobretudo, trazer a paz às nossas famílias.

10 PERGUNTAS FREQUENTES

Para finalizar, deixamos um anexo preparado pelo P. Carlos Carneiro, s.j., com perguntas dos filhos que fazem tremer os Pais (catequistas e outros educadores), sabendo que a resposta dependerá da idade, da curiosidade e da oportunidade (não responder nem demais nem de menos).

1. Pai/Mãe, quem é Deus?

Filho, Deus é o maior! É o «herói» do pai e da mãe. O Pai gostava de ser como Deus. Ninguém é tão bom como Deus. Deus existe desde sempre e para sempre. Foi Deus que criou o mundo e nos deu a liberdade. Todos querem ver Deus. Queres saber quem é Deus? Deus mostrou quem era em Jesus. Conhece Jesus e vais ficar a saber.

2. Pai/Mãe, Deus gosta dos maus?

Deus gosta de todos. Todos são filhos bons mas muitas vezes enganam-se e erram. Deus gosta tanto dos maus que não os abandona mas «corrige-os» para que não repitam o mal. Deus acredita que as pessoas podem mudar. Deus gosta dos maus mas fica triste porque sabe que os maus podem ser bons. Todos podemos ser bons.

3. Pai/Mãe, onde está o avô que morreu?

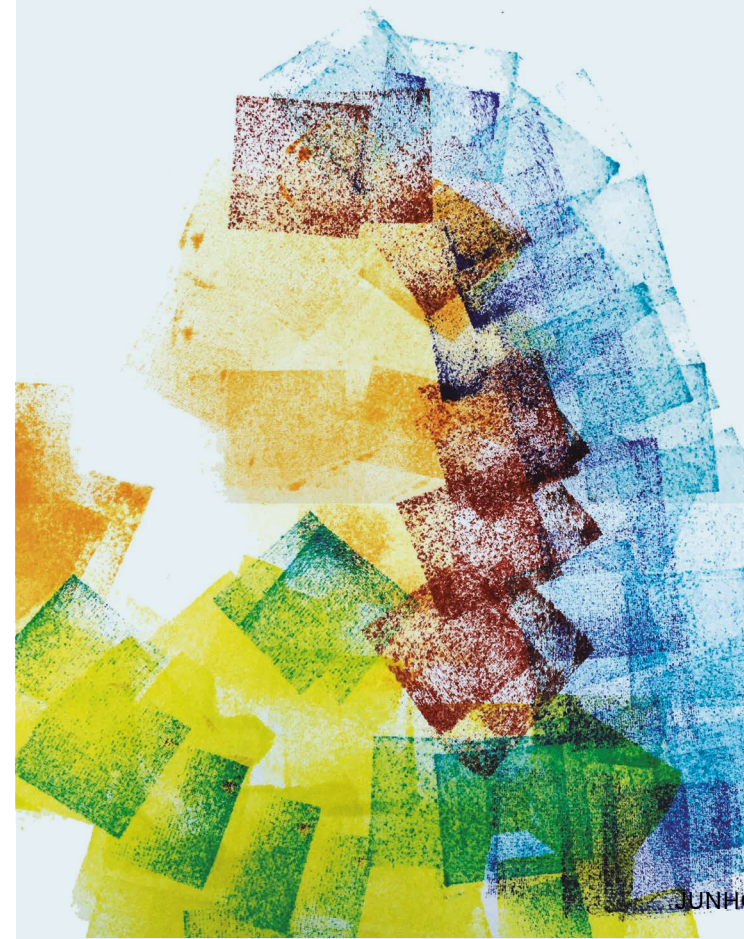
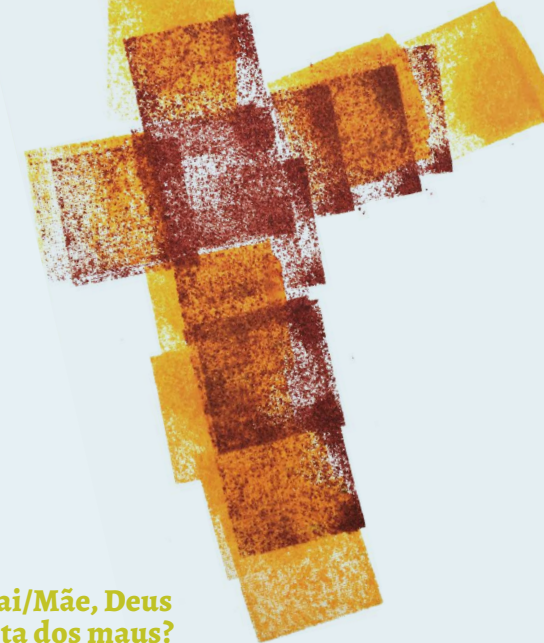
O avô está no Céu. Tal como Jesus, que também morreu, está no Céu. O avô está com Jesus no Céu. Existe a terra e o Céu. Ninguém fica na terra para sempre. Para sempre só se vive no Céu. Porque só no Céu o amor nunca acaba. O Céu não fica nem nas nuvens nem na estrelinha. O Céu é Deus. Deus é uma pessoa tão boa, tão boa, que é o Céu. O avô está no Céu que é Deus.

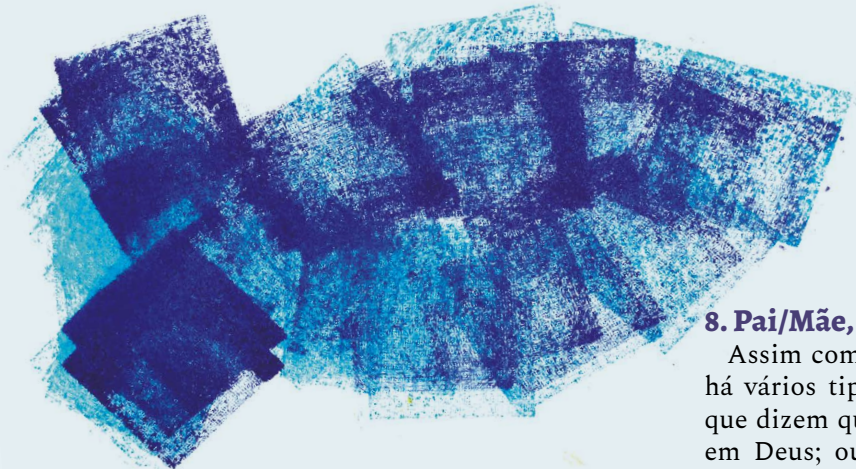
4. Pai/Mãe, porque tenho de ir à missa e tu não vais?

A Missa é um tesouro que temos de descobrir. A missa é o encontro de cada um com Jesus e com as suas surpresas. Ficamos espantados com os seus gestos de amor. À missa devíamos ir sempre, não por obrigação, mas por amor, por que não há maior obrigação do que o amor.

5. Pai/Mãe, porque me tenho de confessar quando erro?

A Igreja é como uma mãe boa. Não desiste dos filhos e ajuda-nos a ser fortes. Um cristão não pode viver a fingir. Tem de assumir os seus erros e seguir em frente. Na confissão, cada um tem a coragem de ser verdadei-





ro, coisa que infelizmente, às vezes, os adultos não conseguem. Deus nunca reduz ninguém a um momento mau e dá-nos a sua força para recomeçar. Para mudar não chega a boa vontade, é preciso o perdão de Deus e dos outros que estão representados no padre que nos «abraça» em nome de todos os que ficaram magoados. Deus não Se cansa de perdoar. E quem se confessa aprende também a perdoar como Deus.

6. Pai/Mãe, quem escreveu a Bíblia?

A Bíblia é como uma biblioteca. Tem muitos livros dentro: romances, poemas, policiais, etc. A Bíblia conta-nos a história de Deus com o povo de Israel, onde nasceu Jesus. Cada livro tem um autor, uma época, uma mensagem. Há livros mais simbólicos e livros mais históricos, mas em todos conseguimos encontrar a marca e a inspiração de Deus. É um grande testamento, que na segunda parte nos conta a vida de Jesus e o testemunho dos que O conheceram. É um livro sagrado, um livro muito especial, um livro de aliança, onde as palavras nos fazem chegar ao próprio Deus e ao seu maior mandamento: amar sempre.

7. Pai/Mãe, porque precisamos de Deus se o dinheiro e a ciência resolvem tudo?

O dinheiro é bom mas não compra tudo e a ciência é fantástica mas não resolve tudo nem responde a todas as tuas perguntas. É bom ter dúvidas e perguntas. A ciência não sabe nem pode responder a tudo. Nem o teu computador é capaz de responder a tudo o que queres saber da vida. É como uma gaveta. Só está lá o que tu puseres. Tu não tens de optar entre Deus e a ciência. A fé é uma arte e a ciência é uma técnica. E o dinheiro não compra nem a felicidade nem o amor.

8. Pai/Mãe, posso ser ateu como o tio João?

Assim como há muitos tipos de jogadores também há vários tipos de crentes. Os ateus são as pessoas que dizem que não acreditam. Alguns não acreditam em Deus; outros não acreditam em nada, às vezes nem sequer em si próprios. Será possível? Os ateus são «desconfiados». Dizem que só acreditam no que veem. Os crentes «confiam» e acreditam no que veem e no que não veem. Sabem que não é por não verem Deus que Deus não existe. Quem tem fé vê Deus em Jesus. Deus também gosta dos ateus e sabe que se eles forem fiéis à consciência encontrarão o caminho que leva ao bem, mesmo que não seja pelo caminho da fé.

9. Pai/Mãe, se Deus existe e é bom porque há tanto sofrimento?

Às vezes Deus pode ser uma decepção. Não gostamos que Ele seja como é. Preferíamos que Deus fosse um feiticeiro ou uma fada poderosa. Um herói que resolve sempre tudo. Não entendemos como é que Deus deixa que os maus ganhem e os bons sofram. É um escândalo. Muitas vezes culpamos Deus pelas guerras, fome, doenças. Acharmos que Deus é um fraco: não pode fazer nada ou, pior ainda, não quer fazer nada. Deus tem poder mas não é o poder de nos poupar ao mal. O poder de Deus é de nos acompanhar no mal. Foi isso que aconteceu com Jesus quando foi condenado a morrer numa cruz. Deus sofre com os que sofrem. É essa a sua bondade.

10. Pai/Mãe, porque não posso fazer sempre o que me apetece?

Porque nem tudo o que nos apetece é bom. Temos de ser mais espertos e confirmar se o que nos apetece é o certo. Na vida há o certo e o errado, a verdade e a mentira, o mau e o bom. Não é tudo a mesma coisa. Aprender a distinguir as situações é imprescindível para sermos justos e humanos verdadeiros. A coragem de descobriremos o que é o melhor ajuda-nos a fortalecer a vontade e a sermos livres e não caprichosos.

A VIDA

Por estes dias de isolamento social tenho-me lembrado e lido muitos pensadores e benfeitores. As suas experiências de vida com maiores provações do que estas nossas ajudam a colocar os sentidos no lugar certo.

Madre Teresa de Calcutá tem, para mim, uma das melhores sínteses do que é a vida.

A vida é uma oportunidade, aproveita-a.

A vida é beleza, admira-a.

A vida é beatificação, saboreia-a.

A vida é sonho, torna-o realidade.

A vida é um desafio, enfrenta-o.

A vida é um dever, cumpre-o.

A vida é um jogo, joga-o.

A vida é preciosa, cuida-a.

A vida é riqueza, conserva-a.

A vida é amor, goza-a.

A vida é um mistério, desvela-o.

A vida é promessa, cumpre-a.

A vida é tristeza, supera-a.

A vida é um hino, canta-o.

A vida é um combate, aceita-o.

A vida é tragédia, domina-a.

A vida é aventura, afronta-a.

A vida é felicidade, merece-a.

A vida é a VIDA, defende-a.

A maior oportunidade é esta de estarmos vivos, capazes de nos lermos, escutarmos e olharmos olhos nos olhos, mesmo que num tempo tenha sido à distância.

A vida na epidemia é admirar a beleza das árvores que agora já têm folhas, flores e cheiros. Quando o confinamento começou estavam despidas e com a vida escondida no interior dos ramos e das raízes.

A vida é a aventura de abraçar este desafio misterioso para todos, até para os cientistas. Cada um à sua maneira, os que estudam a epidemia e os que só a vivem, andamos à procura de a desvelar.

A vida é também o dever de fazermos a nossa parte neste combate quotidiano e até que chegue outro. É uma tragédia para quem perde um familiar, um amigo, mas é também uma tragédia que podemos dominar com a riqueza de conservar e cuidar melhor dos que ficaram.

Agora que voltamos a deixar de ver o país pela janela devemos cantar ainda mais alto a vida. Haverá sempre o medo. Esse sentimento que nos encolhe e faz dar passos atrás não é um sentimento de fraqueza ou cobardia. É um sentimento natural, de luta ou fuga, associado à sobrevivência.

Está na altura de fazer do medo força. Uma boa motivação pode ser refletir no já conquistado. Houve o pico da epidemia, a curva que se achatou, o planalto que se caminhou, a curva que desceu, o SNS que resistiu, os profissionais e as famílias que se uniram num bem comum: A VIDA.



Rosário Salgueiro



Agora que voltamos a deixar de ver o país pela janela devemos cantar ainda mais alto a vida.

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Miguel Pedro Melo, s.j.

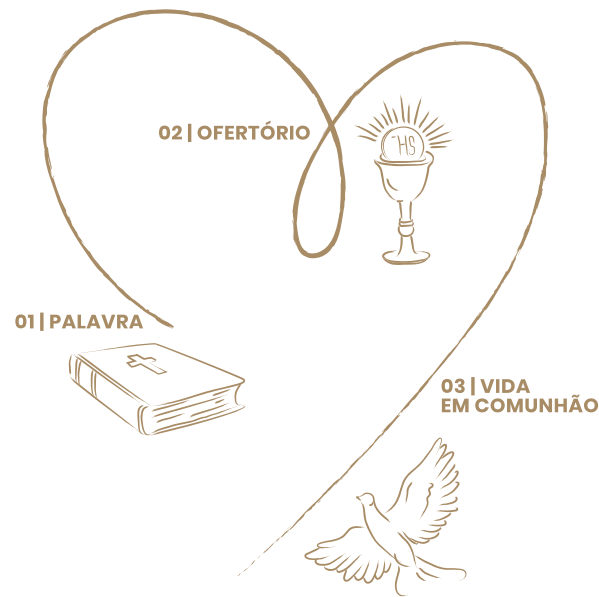
Alguém me disse um dia que as pessoas que recorrem menos à violência são aquelas que têm mais imaginação. Parece-lhe estranho? Repare: as pessoas com imaginação veem mais alternativas à resolução de um problema, já as pessoas com menor treino da imaginação tendem a não conceber outras alternativas. Por isso, não lhes resta mais que a ansiedade e os punhos.

Na Escritura conta-se a história de um jovem chamado Daniel que, inspirado por Deus, usou a sua imaginação de modo a salvar a vida de uma mulher inocente, Susana (cf. Dan 13). Depois de dois homens a terem acusado injustamente, tornando-a ré de morte, Daniel perguntou aos dois homens, em separado, sob que árvore tinham visto Susana cometer o delito. Ambos deram respostas diferentes e foram apanhados na sua difamação. A imaginação de Daniel libertou Susana da violência e deu voz à sua voz orante, que apenas Deus escutara.

Que tem tudo isto a ver com a Eucaristia? A Eucaristia não é apenas conforto para o coração individual ou alimento para uma comunidade particular. Ela é também fonte de transformação de todas as coisas, do universo inteiro. Para percebermos este elemento cósmico da Eucaristia, que tudo abraça, precisamos de imaginação. Uma imaginação que nos há de ampliar a razão, ajudando-a a reconhecer os santíssimos efeitos da presença de Deus no mundo.

ORAÇÃO

Senhor Jesus,
A tua Vida é a fonte da Eucaristia,
pois de ambas recebemos o mesmo Espírito
de comunhão, serviço e misericórdia.
Ensina-nos portanto a receber toda a nossa
motivação e imaginação da Eucaristia
para que possas nutrir mais livremente em nós
tanto o querer como o agir.
Isto Te pedimos, a Ti que és Deus com o Pai,
na unidade do Espírito Santo.
Ámen.



01 PALAVRA | Efésios 1, 3-10

Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus, que nos encheu de bênçãos espirituais em Cristo, nos céus. Pois, antes de o mundo existir, Ele escolheu-nos para juntamente com Cristo sermos santos e irrepreensíveis e vivermos diante d'Ele em amor. Ele destinou-nos para sermos seus filhos por meio de Cristo, conforme era seu desejo e vontade, para louvor da sua graça gloriosa que Ele gratuitamente nos concedeu no seu amado Filho. Pelo sacrifício da sua morte fomos libertados e recebemos o perdão dos pecados, em virtude das riquezas da sua graça, que Ele derramou abundantemente sobre nós com toda a sabedoria e entendimento. Deu-nos a conhecer o mistério da sua vontade e o plano generoso que tinha determinado realizar por meio de Cristo. Esse plano consiste em levar o Universo à sua realização total, reunindo todas as coisas em submissão a Cristo, tanto nos Céus como na Terra.

Ao longo da sua vida pública, Jesus abençoou todo o tipo de pessoas, quer por meio das suas palavras como pelos seus gestos. O gesto maior com que nos abençoou foi na sua entrega amorosa e sacrificial por cada um de nós, para a Vida do mundo. Na verdade, pelo seu sangue e na recordação do seu exemplo, recebemos Vida e força para dar carne aos caminhos sempre surpreendentes que o Espírito Santo sussurra ao coração.

Pistas de oração individual prévias à reunião:

a) Procurar **imaginar** Jesus diante de mim. Recordar o modo como Ele abençoou tanta gente e como continua aabençoar o mundo inteiro em cada Eucaristia. Recordar o momento da vida de Jesus que mais me ajuda a sentir a proximidade e a bênção de Deus. Agradecer muito.

b) **Considerar** o modo de Jesus Se fazer hoje presente no universo. Deus dá o dom da existência a todas as coisas e a algumas cumula-as com Vida. Mas a plenitude dos dons é Ele mesmo que Se nos dá na Eucaristia como modelo de uma vida livre que se entrega por amor. Deste modo, Jesus transforma todas as coisas que abençoa, relacionando-Se com amor. Sinto também eu que o amor a que Jesus me convida em cada Eucaristia me leva a tratar todas as pessoas, animais e todas as coisas de uma maneira diferente? Com amor? Transformando-as no modo como me relaciono com elas?

02 OFERTÓRIO

A Palavra de Deus leva ao despertar de uma comunidade, de uma cultura eucarística. Neste sentido, convidamos a que este momento seja um tempo de ofertório daquilo que Deus fez em cada um. No caso de o grupo se conseguir encontrar por meio das redes sociais, sugerimos estes passos:

a) Selecionar dentre as pessoas do grupo um moderador.

b) Primeira partilha (5 minutos por pessoa) – cada pessoa partilha o fruto da sua oração pessoal. Não há

ainda diálogo, apenas exposição do que cada um rezou. Breve pausa.

c) Segunda partilha (3 minutos por pessoa) – cada membro do grupo partilha aquilo que mais o consolou ou inquietou enquanto ouvia os outros. Não há ainda diálogo, apenas exposição do que cada um rezou. Breve pausa.

d) Terceira partilha – o grupo em diálogo, e ajudado pelo moderador, procura perceber como Deus os foi guiando. Onde nos sentimos mais consolados nesta conversa? Onde estamos como grupo? Sentimo-nos chamados a dar um passo concreto como grupo?

Caso o grupo não se consiga encontrar como tal, sugerimos que cada um partilhe por telemóvel com o seu grupo qual foi o aspeto que aprendeu com esta oração. O responsável do grupo poderá, de seguida, fazer um elenco das ideias mais referidas por todos e comunicar a todos esse pensar e sentir comum. Deste modo, o grupo poderá saber onde está espiritualmente como grupo.

Terminar o encontro com esta oração:

«Deus Onnipotente, que estais presente em todo o universo e na mais pequenina das vossas criaturas, Vós que envolveis com a vossa ternura tudo o que existe, derramai em nós a força do vosso amor para cuidarmos da vida e da beleza. Inundai-nos de paz, para que vivamos como irmãos e irmãs sem prejudicar ninguém. Ó Deus dos pobres, ajudai-nos a resgatar os abandonados e esquecidos desta terra que valem tanto aos vossos olhos. Curai a nossa vida, para que protejamos o mundo e não o degrademos, para que semeemos beleza e não poluição nem destruição. Tocai os corações daqueles que buscam apenas benefícios à custa dos pobres e da terra. Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa, a contemplar com encanto, a reconhecer que estamos profundamente unidos com todas as criaturas no nosso caminho para a vossa luz infinita. Obrigado porque estais connosco todos os dias. Sustentai-nos, por favor, na nossa luta pela justiça, o amor e a paz» (Papa Francisco, Laudato Si', n.º 246).

ISAÍAS

INTRODUÇÃO

José María Abrego, s.j.

Permitam-me que lhes apresente um amigo. Não pretendo ser objetivo: confesso que o admiro. É melhor que ele se apresente a si próprio. Mergulhem nas suas páginas e esqueçam as minhas palavras. Imagino-o com um aspeto rígido, não muito alto, com um olhar penetrante, que enche de profundidade e humanidade o espaço emoldurado por umas sobranceiras espessas e uma barba que começa a embranquecer. O seu nariz aquilino não chama a atenção em Jerusalém. A sua linhagem é visível nas sandálias de couro, na qualidade do tecido da sua túnica e na facilidade em aproximar-se do rei, quando este visita umas obras públicas (Is 7, 3). Mas o que mais impressiona nele é a sua voz. A sonoridade da sua poesia revela uma voz forte, consistente e poderosa, cheia de harmonia e perfeitamente afinada.

Penso que o meu amigo é um dos maiores poetas da história. Coube-lhe viver numa daquelas épocas que estimulam mais a sensibilidade da expressão, ao fracassarem todas as principais expectativas da sua geração. A história de Isaías foi marcada pela sombra do primeiro império expansionista da história, o assírio, com toda a diversidade de alianças e sentimentos que um império desperta. Dois reinos vizinhos invadiram Judá para forçar uma aliança contra a Assíria (7, 1-2). Gosto imenso do vigor da sua linguagem concisa e concreta, de expressões lapidárias (3, 24) e rica em imagens plásticas: «erguer um estandarte» (5, 26; 18, 3...), «mão estendida» num poema de ameaça (1, 25; 5, 25; 9, 11.16.20...). A sua habilidade plástica ajuda-o a sentenciar que o culto não vale nada sem a justiça: convida-nos a observar com atenção as mãos do crente que chegam ao templo carregadas de oferendas para os sacrifícios, que se levantam depois para rezar... e Deus volta o seu olhar para outro lado, porque essas mãos se encontram manchadas de sangue fratricida (1, 12-15). Impressiona-nos o seu rico vocabulário: usa vinte e uma palavras para enumerar os adornos usados pelas mulheres de Jerusalém (3, 19-23). Quando quer, utiliza também a linguagem da rua e canções populares (5, 1-6; 26, 1-2; 27, 2-5). E remonta aos títulos mitológicos para falar da mãe do Emanuel (7, 14).

Mas isto refere-se apenas ao exterior. O seu pensamento é mais difícil de resumir: Jerusalém será salva, a dinastia de David perdurará, a universalidade... No mínimo, direi que estas questões são apresentadas de modo estranho. Compreendemos Isaías quando se indigna com a injustiça que vê nas ruas (1, 4.21-22). Nunca em Jerusalém se tinham visto diferenças so-

ciais tão grandes; a lei não o permitia e ele faz bem em gritar. Perde a paciência quando alguns dizem que tudo vai bem, porque o templo se encontra a abarrotar na altura dos sacrifícios. Estava a romper-se a igualdade que caracterizava a sociedade do passado. Tanto luxo e tanta luxúria impediam que todos desfrutassem dos dons de Deus (5, 8-25). É corajoso, dada a sua linhagem. Mas não é fácil compreendê-lo quando exige «fé» ao rei (7, 4). As tropas aliadas invadem o reino, cercam Jerusalém, exigem a sua rendição para mudar a dinastia e Isaías insta o rei a acreditar nele e a não fazer nada, a confiar na mãe de todas as vitórias que Deus alcançará um dia. Fé na vitória, sem fazer nada? O rei pensou ser mais prudente pedir ajuda ao império assírio e o meu amigo ficou tão zangado que lhe anunciou que teria de ceder dentro de pouco tempo o trono ao seu filho (7, 16). Porque, isso sim, Isaías defende que a dinastia de David permanecerá para sempre. Com ele, revela-se firme a esperança no Messias, o novo David. Mas tem ideias estranhas, mesmo sobre esta questão. Por exemplo, dizer que Deus ataca Jerusalém (3, 1-8; 7, 17-25)! Como é possível que Deus ataque a sua cidade, sendo Jerusalém a cidade de David, onde Deus habita? É verdade que chamar os assírios não foi uma opção acertada: destroçaram o reino irmão de Israel e invadiram Judá para exigir impostos e vassalagem. Se há algo que o meu amigo não suporta é a presunção dos orgulhosos, que se sentem seguros com a ajuda de Deus (2, 9.11.17; 5, 15).

Prefiro ouvi-lo cantar a grande procissão dos povos que peregrinam a Jerusalém para ouvir a Palavra de Deus e converter, no final, as espadas em arados e as lanças em podadeiras (2, 1-5). Porque o seu anúncio mais forte é o triunfo sobre a violência dos exércitos (9, 3-4): os invasores desaparecerão como vieram; o tronco de Jessé (pai de David) representa uma dinastia sem a força das armas, mas capaz de germinar nesse sonho de paz que todos albergamos (11, 1-9). A criança que brinca com a serpente ou o lobo que pasta com o cordeiro são imagens que nos marcam. A força da vida reside no «resto», no que permanece quando tudo o mais desaparece, porque só então o Senhor poderá começar a construir de novo os seus planos (11, 15-16). Compreende-se assim que ninguém ligue ao que o meu amigo diz; e penso poder afirmar que esse desprezo o magoa.

As suas vivências criaram uma escola entre os pobres, entre os que sofreram o exílio, o fracasso e a humilhação. Isaías viveu em Jerusalém, na segunda meta-

de do século VIII a.C., mas a consolação chegou mais tarde, um século e meio depois, quando os exilados na Babilónia concluíram a sua obra com outros belos poemas. Denominam-se agora «Segundo Isaías» (capítulos 40-55), porque são de autor desconhecido e conservaram-se sempre juntamente com os escritos do meu amigo. O importante é que eles também se sentiam amigos de Isaías e desenvolveram a sua visão. Denomina-se ainda «Livro da Consolação», porque é assim que começa (capítulo 40). A forma destes versos é também brilhante e sonora. A sua linguagem continua a ser viva, plástica e majestosa, com imagens um pouco mais desenvolvidas e expressões menos concisas, mas belas. Mantêm-se igualmente fiéis ao fundo. Eles sabem ser um «resto», reconhecem a sua impotência e cantam com vigor a sua esperança no Todo-Poderoso. Continuam a sonhar com o regresso a Jerusalém, mas, quando chega esse momento, percebem que precisam de afastar a indolência. Eles acomodaram-se à sua miséria. Já não será o rei David que os salvará, mas eles confiam num profeta, a quem chamam «servo» (42, 2-9; 49, 1-12; 50, 4-11; 52, 13 - 53, 12). Um personagem misterioso, sem nome nem apelido, que os salvará... morrendo. O quarto cântico do servo serviu como uma pauta para os evangelistas lerem a morte e a ressurreição de Jesus. Não é um dos poemas mais bonitos, mas é um dos que têm mais impacto. Assim, com as suas mentes voltadas para Jerusalém, delineando a figura de um salvador-servo e o sonho de uma nova criação, os exilados alimentaram a recordação do meu amigo.

Isaías é mais querido pelos seus descendentes, porque teve sucessores entre aqueles que se sentiram tocados no sofrimento pelas suas palavras. De facto, quando ocorreu aquilo que conhecemos como o «regresso do exílio» (na realidade, apenas alguns dos exilados regressaram ao antigo reino de Judá), a obra do meu amigo continuou a crescer com novos poemas. Eles constituem o «Terceiro Isaías» (capítulos 55-66). Na sociedade judaica, continuou sempre a anunciar-se um castigo para aqueles que jejuam exteriormente sem procurar a justiça; cantou-se sempre a aurora de uma nova luz que surge das trevas; abençoaram-se sempre os pés do mensageiro que anuncia a boa-nova aos pobres e a paz a todos os povos. A mensagem do meu amigo ajudou-nos a atravessar as fronteiras do nosso povo e a pensar num âmbito universal. Jerusalém possui a ternura de uma mãe que alimenta os seus filhos até saciá-los de paz.



DEUS UNIU-SE À NOSSA TERRA

Rita Veiga

Criaste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti (Santo Agostinho, *Confissões*).

Este «brado» de Santo Agostinho expressa a moção interior que põe o crente a caminho, um caminho essencialmente do coração. Trata-se do processo de conversão, a metanoia, que se traduz numa mudança de atitude e de comportamentos, procurando ser fiel ao modelo de Jesus e dos seus ensinamentos, observando o mundo com um olhar mais límpido. A isso está convidado cada um e cada uma, mas igualmente as comunidades e a Igreja no seu todo, deixando-se guiar pelo Espírito, que «vem em auxílio da nossa fraqueza» (*Rm* 8, 26).

Foi há cinco anos (2015) que o Papa Francisco publicou a carta encíclica *Laudato Si'*, preocupado que estava com a devastação infligida ao Planeta, a nossa casa comum, com risco de atingir um ponto de não retorno que o torne inabitável. O Papa denuncia os graves problemas ambientais e sociais de hoje e faz notar que o mundo denota «a violência que está no coração humano, ferido pelo pecado» (*LS* 2). Sempre ocorreram, ao longo do tempo, processos naturais com efeitos catastróficos, mas são atualmente muito mais frequentes e intensos em consequência da ação do homem, movido pela presunção de que pode ser senhor do mundo e por ganância sem escrúpulos.

A tudo isto contrapõe a *Laudato Si'* a necessidade de uma ecologia integral, que alia à vertente ambiental as preocupações sociais (questionando a Economia e a Política, entre outras áreas) e o aprofundamento espiritual. S. Francisco de Assis contemplava a criação, maravilhado, e sentia apreço até pelas ervas insignificantes, louvando o Criador por tudo o que fizera. «Cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir», lembra-nos o Francisco do nosso tempo (*LS* 221).

O caminho do coração proporciona também uma descoberta paradoxal, a riqueza do pouco e o gosto da entrega, pois, «se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude» (*LS* 11). E, assim, poderemos vislumbrar em pano de fundo o destino transcendente para o qual conflui o coração humano e a criação inteira, pois «Cristo assumiu em Si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz» (*LS* 221).

E se este caminho do coração parecer demasiado árduo, encorajam-nos as derradeiras palavras da encíclica: «No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!» (245).

Novidades Livraria AO

www.livraria.apostoladodaoracao.pt

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II Documentos Conciliares e Pontifícios

Em 12ª edição revista e atualizada, a já clássica edição da Editorial AO dos documentos conciliares e pontifícios do Concílio Vaticano II.

Um volume que reúne os 16 documentos do Concílio, realizado entre 1962 e 1965 – nove Decretos, quatro Constituições e três Declarações – bem como os principais documentos e discursos pontifícios relacionados com a realização do Concílio, desde a Constituição Apostólica “*Humanae salutis*”, do Papa João XXIII, convocando um novo Concílio Ecuménico, até à Carta Apostólica “*In Spiritu Sancto*”, do Papa Paulo VI, que marca o encerramento dos trabalhos.

Preços

Portugal: 30,00 euros
Europa: 36,90 euros
Fora da Europa: 43,50 euros



REZAR O MEU DIA

Oito propostas de Exame de Consciência, segundo o modelo proposto por Santo Inácio de Loiola nos Exercícios Espirituais. Para crescer diariamente na amizade com Deus e os irmãos.

Preços

Portugal: 5,00 euros
Europa: 6,80 euros
Fora da Europa: 8,00 euros



REZAR COM INÁCIO DE LOIOLA Jacqueline Bergan e Marie Schwan, csj

Uma ajuda para o leitor descobrir a espiritualidade de Inácio de Loiola e integrar esse espírito e sabedoria na sua relação com Deus.

Preços

Portugal: 12,00 euros
Europa: 14,45 euros
Fora da Europa: 15,90 euros





O QUE FAZ A IGREJA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS?

A pergunta é recorrente: o que faz a Igreja em tempos de coronavírus? A Igreja tem estado «em saída», ao serviço de todos os que precisam, em solidariedade com os que sofrem e a responder com coragem às necessidades e desafios atuais.

Em Portugal e no mundo, são inúmeras as iniciativas promovidas por Conferências Episcopais, dioceses, paróquias, Ordens e Congregações religiosas, movimentos eclesiais, além de ações individuais e de famílias, a favor das pessoas afetadas direta ou in-

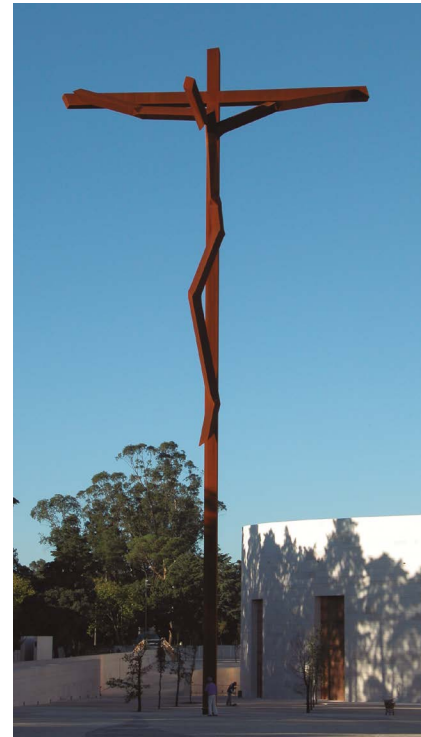
diretamente pela pandemia provocada pela Covid-19.

Concretamente, a Igreja tem disponibilizado recursos financeiros, estruturas para receber doentes infetados ou profissionais de saúde, distribuído refeições e medicamentos, confeccionado máscaras para entregar gratuitamente à população e prestado assistência principalmente aos mais vulneráveis.

A par da ação social e solidária, a oração constante. Ninguém vai esquecer um Papa sozinho numa imensa Praça de São Pedro a rezar

misericordiosamente pela humanidade, alertando para a necessidade de «remarmos juntos», pois «estamos todos no mesmo barco e ninguém se salva sozinho».

Dias antes, Francisco caminhou sozinho pelas ruas desertas de Roma para rezar em dois santuários. Começou pela Basílica de Santa Maria Maior, confiando o mundo à proteção da Mãe de Deus. Seguiu depois para Igreja de São Marcelo, onde rezou perante um crucifixo usado numa procissão em 1522, ano em que Roma foi atingida pela «Grande Peste».



Em Portugal também houve um momento nacional de oração. O cardeal D. António Marto rezou, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Fátima, «pelas vítimas do novo coronavírus, seus familiares e profissionais de saúde» e consagrou «toda a Península Ibérica, Portugal e Espanha, com as suas respetivas ilhas, ao Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria».

As Missas e outros momentos de oração têm chegado diariamente a todas as pessoas através de vários canais: televisão, rádio e *internet*. Dioceses, paróquias, ordens religiosas e outras instituições organizaram-se rapidamente no sentido de colocarem nos meios digitais missas *online*, sessões de catequese, propostas variadas de oração e reflexão e outros materiais para ajudar na oração e vida de fé todos os crentes, de todas as idades.

INICIATIVAS CONCRETAS DESDE O INÍCIO DA PANDEMIA

As dioceses e instituições da Igreja Católica em Portugal organizaram-se, desde o início da pandemia, para colaborar nas respostas às necessidades despoletadas pela Covid-19. Damos conta de apenas algumas iniciativas a decorrer no país.

O **Santuário de Fátima** assumiu a compra de três ventiladores. A Diocese de Viana do Castelo e a Irmandade Senhor Bom Jesus da Cruz, de Barcelos, desenvolveram campanhas para adquirir estes equipamentos fundamentais para tratar os doentes infetados.

A **Arquidiocese de Braga e as Dioceses de Santarém, Viana do Castelo, Évora e Leiria-Fátima** disponibilizaram instalações e material logístico para alojar profissionais de saúde ou de IPSS, além de apoiarem as atividades da Proteção Civil.

A **Diocese do Porto** cedeu o Pavilhão nº 4 do Seminário do Bom Pastor, em Ermesinde, à Secção Regional Norte da Ordem dos Médicos, para eventuais necessidades.

As instituições sociais da **Diocese de Bragança-Miranda** dão «apoio gratuito» nas compras, deslocações à farmácia e criaram uma linha de «escuta ativa».

A **Cáritas Portuguesa**, presente em todo o território, ativou os seus Planos de Contingência: a entrega de alimentos está a ser assegurada por técnicos ou voluntários, «que garantem que as famílias em situação de fragilidade financeira ou que habitualmente re-

cebiam este apoio, continuam a ter acesso aos alimentos, nomeadamente através da entrega de cabazes e através do apoio domiciliário».

As **Cáritas Diocesanas** que têm respostas de apoio a situações de violência doméstica estão a acautelar estas situações. Também as valências de apoio a pessoas sem alojamento alargaram os seus horários de atendimento.

A **Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Silves**, diocese do Algarve, também está a dinamizar um serviço de «compras em casa» para ajudar os idosos, as pessoas doentes, os isolados e sozinhos para prevenir o contágio do coronavírus.

Os **Amigos à Mão, grupo da Paróquia de Cascais**, lançou um serviço de compras para idosos e doentes crónicos que não podem sair de casa para ir à farmácia ou ao supermercado.

Na **Diocese de Aveiro, a paróquia da Vera-Cruz** integra a iniciativa «vizinhos de Aveiro», uma plataforma de cidadania ativa e que disponibiliza acompanhamento dos moradores em situação de maior vulnerabilidade.

A **Comunidade Vida e Paz** lançou uma campanha nas redes sociais, para ajudar os sem-abrigo, e mantém em funcionamento ações na rua e o «Espaço Aberto ao Diálogo».

O **Banco Alimentar**, com o apoio da ENTRAJUDA e em articulação com a Bolsa do Voluntariado, anunciou a criação de uma Rede de Emergência Alimentar – rede.emergencia.alimentar@bancoalimentar.pt.



O PAPA E A SANTA SÉ: COMPROMISSO SILENCIOSO

O Papa Francisco ofereceu uma contribuição inicial de 100 mil euros à Cáritas italiana, para reforçar os seus serviços de refeições e acolhimento. Doou 30 ventiladores a hospitais de Itália e Espanha e criou um fundo para as áreas de missão afetadas pelo vírus, tendo oferecido de imediato 750 mil dólares.

A Esmolaria Apostólica com os pobres foi intensificada e o seu responsável, cardeal Konrad Krajewski, passou a estar sempre

disponível. O Hospital Pediátrico Menino Jesus, propriedade da Santa Sé, dedicou a estrutura de Palidoro para as crianças positivas ao Covid-19.

Estas iniciativas são uma reduzida amostra do que tem sido feito pelo Papa e pela Santa Sé neste tempo de emergência. «O Papa e toda a Igreja trabalham em silêncio», disse ao *Vatican News* D. Angelo Raffaele Panzetta, bispo de Crotone-Santa Severina.

«O Papa e a Igreja não precisam de campanhas publicitárias para estar sempre a aparecer nos jornais»,

mas o que «estão a fazer em termos económicos, culturais e espirituais é realmente importante e precioso e não pode ser subestimado».

«Não é hora de batalhas pretensiosas, não é hora de lamentar ou gerar uma cultura de suspeita. Este é o momento da solidariedade autêntica, de dar uma mão, amar realmente o próximo e multiplicar o bem e não a crítica», afirma D. Angelo Raffaele Panzetta, respondendo assim a todos os que questionam a missão da Igreja em momentos de crise.

O PLANO DO PAPA PARA RESSUSCITAR A HUMANIDADE APÓS A PANDEMIA

O Papa escreveu uma reflexão para a revista espanhola *Vida Nueva* em que propõe um «plano para ressuscitar» a humanidade, após a pandemia provocada pela Covid-19. Francisco recorda que «ninguém se salva sozinho» e reivindica «a civilização do amor», contagiada «com os anticorpos necessários da justiça, da caridade e da solidariedade».

«Se pudemos aprender alguma coisa neste tempo, é que ninguém se salva sozinho. As fronteiras caem, os muros derrubam-se e todos os discursos integristas se dissolvem, perante uma presença quase impercetível que manifesta a fragilidade de que somos feitos», afirma o Santo Padre.

Para Francisco, «uma emergência como a da Covid-19 derrota-se, em primeiro lugar, com os anticorpos da solidariedade». É necessário assumir «o impacto e as graves consequências» do momento que se vive, unindo a «família humana» numa resposta comum aos males que atingem milhões de pessoas em todo o mundo.

O Papa adverte que «a globalização da indiferença vai continuar a ameaçar e a tentar o nosso caminho. Queira Deus que nos encontre com os anticorpos necessários da justiça, da caridade e da solidariedade».

Francisco questiona: «Seremos capazes de atuar responsabilmente perante a fome de que tantos padecem, sabendo que há alimentos para todos? Continuaremos a olhar para o outro lado, com um silêncio cúmplice, perante as guerras alimentadas por desejos de domínio e de po-

der? Estaremos dispostos a mudar estilos de vida que mergulham tantos na pobreza, promovendo e animando-nos a levar uma vida mais austera e humana, que possibilite uma divisão equitativa dos recursos? Adotaremos, como comunidade internacional, as medidas necessárias para travar a devastação do meio ambiente, ou continuaremos a negar as evidências?»

Neste contexto, desafia a que «não tenhamos medo de viver a alternativa da civilização do amor, que é uma “civilização de esperança” contra a angústia e o medo, a tristeza e o desalento, a passividade e o cansaço. A civilização do amor constrói-se todos os dias, ininterruptamente. Supõe o esforço comprometido de todos. Supõe, por isso, uma comunidade de irmãos».

O pontífice assinala ainda que «sempre que tomamos parte na Paixão do Senhor, que acompanhamos a paixão dos nossos irmãos, vivendo inclusivamente a própria paixão, os nossos ouvidos escutam a novidade da ressurreição: não estamos sós, o Senhor precede-nos no nosso caminhar, removendo as pedras que nos paralisam».

Francisco sublinha a «força imparável» da fé e do serviço ao próximo, afirmando que «Deus nunca abandona o seu povo, está sempre junto dele, sobretudo em momentos de maior sofrimento».

No texto, Francisco diz que «não podemos escrever a história presente e futura de costas voltadas ao sofrimento de tantos», temos de «atuar como um só povo».



Nesta reflexão, o Papa elogia todos os que, nestes tempos, foram capazes de «cuidar, sem colocar em risco a vida dos outros», saudando médicos, enfermeiros e enfermeiras, trabalhadores da limpeza, transportes, forças de segurança, voluntários, educadores e «tantos outros».

Partindo da fé cristã na ressurreição de Jesus Cristo, celebrada na Páscoa, o Santo Padre propõe uma «vida nova» para toda a humanidade e deixa um convite à «alegria».

«Neste tempo de tribulação e luto, desejo que, onde quer que estejas, possas fazer a experiência de Jesus, que sai ao teu encontro, te saúda e te diz: “Alegra-te” (Mt 28, 9) e que esta seja a saudação que nos motiva a convocar e amplificar a boa nova do reino de Deus», conclui.



Peregrinação nacional do A.O a Fátima (2019).

ASSEMBLEIA DIOCESANA DO A.O. EM LEIRIA

A Assembleia Diocesana anual do Apostolado da Oração da Diocese de Leiria-Fátima realizou-se na tarde do dia 1 de março, no Seminário de Leiria.

Participaram largas dezenas de zeladores e associados do Apostolado da Oração dos vários centros das paróquias da diocese.

O encontro foi orientado pelo Diretor Diocesano, P. Manuel Pedro. Participou nesta assembleia um convidado que veio de Braga, o P. Manuel Morujão, que em anos passados foi o Secretário Nacional deste movimento eclesial. Desenvolveu o seguinte tema: «Ser santos pelo coração». Foi um apelo a crescer na vida espiritual e apostólica, fortalecendo a nossa dimensão afetiva, que leva à prática do amor

fraterno e da vivência da missão apostólica na família, na paróquia, na sociedade e na Igreja, segundo o carisma e a história do Apostolado da Oração.

O conferencista, usando as imagens de um *powerpoint*, sublinhou o valor pastoral do culto e devoção ao Sagrado Coração de Jesus, seguindo a exortação recente da Conferência Episcopal Portuguesa, na sua Nota Pastoral pelos 175 anos da fundação do Apostolado da Oração: «Destacamos, com gratidão, a entrega generosa dos seus membros ao longo deste tempo, através da promoção da espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus, da devoção e culto eucarísticos, da animação da vida de oração nas comunidades, do cuidado

dos templos e de tantos modos de ajuda discreta e fiel no serviço das próprias paróquias». Da vivência prática desta devoção ao Coração de Jesus foram dados os exemplos dos seguintes santos e beatos: Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), São Cláudio La Colombière (1641-1682), Beata Maria do Divino Coração (1863-1899), Beata Rita Amada de Jesus (1848-1913), Beata Alexandrina de Balasar (1904-1955).

Houve tempo para perguntas e respostas sobre o assunto da conferência, seguindo-se uma parte de concretizações práticas sobre a missão e atividade do Apostolado da Oração nas paróquias, orientada pelo Diretor Diocesano, P. Manuel Vítor de Pina Pedro.

ATIVIDADES INACIANAS Junho

Acompanhar: converse com um jesuíta

QUANDO: De 2ª a Sáb., das 9h00 às 20h30

ONDE: por chamada ou por videochamada Skype ou WhatsApp

Acompanhamento espiritual à distância com um jesuíta disponível para conversar. Agendamento através da página: pontosj.pt/participar/acompanhamento-espiritual



Celebrar: acompanhe a missa diária e dominical online

QUANDO: diariamente, às 22h00 (Comunidade da Brotéria); às 3ªs e 4ªs feiras, às 19h15; aos domingos, às 12h00 (Comunidade Pedro Arrupe), às 19h00 (Centros Universitários) e às 22h00 (Comunidade da Brotéria).

ONDE: canal de Youtube do Ponto SJ ou em pontosj.pt/especial/celebrar-missa-em-direto-ponto-sj



Rezar e pensar: medite com várias propostas de oração, leia e escute para refletir sobre este tempo

Pausas para inspirar

QUANDO: diariamente, às 21h00 | **ONDE:** www.pontosj.pt
ORIENTADORES: P. António Santana, SJ, e P. João Goulão, SJ

Meditações diárias especialmente pensadas para os que cuidam: profissionais de saúde, auxiliares, empregados de balcão, forças de segurança e tantos outros que estão na linha da frente. Um momento de paz antes do descanso.

«Take a break» – Conversas de desintoxicação

QUANDO: às 3ªs e 5ªs feiras, às 14h00 | **ONDE:** www.pontosj.pt

Vinte minutos de conversa com os autores do livro «Manual de Desintoxicação», editado pela Frente e Verso, para ajudar a viver e a sair da quarentena.

O que tenho aprendido com esta quarentena?

QUANDO: às 2ªs feiras | **ONDE:** www.pontosj.pt

Crónicas em forma de testemunho sobre o que se tem aprendido com este tempo e as preocupações quanto ao futuro.

Podcast «Ponto de Viragem»

QUANDO: às 6ªs feiras | **ONDE:** www.pontosj.pt
ORIENTADOR: P. José Mª Brito, SJ

Conversas com gestores, personalidades ligadas ao mundo dos sindicatos, profissionais de saúde e diversos agentes sociais, procurando traçar caminhos possíveis para atravessar a crise humana, social e económica gerada pela pandemia da COVID-19.

“

Rezar é entrar com o meu coração no coração de Jesus, percorrer um caminho dentro do coração de Jesus, aquilo que Jesus sente, os sentimentos de compaixão de Jesus e também fazer uma viagem dentro do meu coração para o mudar nesta relação com o coração de Jesus.

PAPA FRANCISCO
28 de junho de 2019



LEIA ONLINE:
www.revistamensagemiro.pt



Rede Mundial
de Oração do Papa
PORTUGAL